



Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Escola de Ciências Sociais e da Saúde  
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

## **ESTUDOS DE VARIÁVEIS DE CONTEXTO EM UM EPISÓDIO VERBAL**

Ueliton dos Santos Gomes

Orientador(a): Prof. Dr. Lorismario E. Simonassi

Goiânia, março de 2017



Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Escola de Ciências Sociais e da Saúde  
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

## **ESTUDOS DE VARIÁVEIS DE CONTEXTO EM UM EPISÓDIO VERBAL**

Ueliton dos Santos Gomes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação *Strito Sensu* em Psicologia da PUC Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Lorismario E. Simonassi

Goiânia, março de 2017

G633e Gomes, Ueliton dos Santos  
Estudos de variáveis de contexto em um episódio verbal  
[manuscrito]/ Ueliton dos Santos Gomes.-- 2017.  
71 f.; il. 30 cm

Texto em português com resumo em inglês  
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu  
em Psicologia, Goiânia, 2017  
Inclui referências f.52-56

1. Comportamento verbal. 2. Comportamento - Avaliação  
- (subd. geog.). 3. Efeitos do contexto (Psicologia). 4. Análise do  
Comportamento  
I.Simonassi, Lorismario Ernesto. II.Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 159.9.019.4(043)

## Ficha de Avaliação

GOMES, U. S. (2017). *Estudos de variáveis de contexto em um episódio verbal*. Orientador: Dr. Lorismario E. Simonassi.

Esta Dissertação foi submetida à banca examinadora:

---

Prof. Dr. Lorismario E. Simonassi  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Presidente da banca

---

Profa. Dra. Elisa Tavares Sanábio Heck  
Universidade Federal de Goiás  
Membro convidado externo

---

Prof. Dr. Cristiano Coelho  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Membro convidado interno

---

Prof. Dr. Antônio Carlos Godinho do Santos  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Membro Suplente

*Este trabalho é dedicado à minha querida esposa Flávia Melo Rodrigues, à Júlia e ao Pedro, meus maiores reforçadores. Dedico este trabalho também aos meus pais Sr. Werdecino Gomes Rabbi e Sra. Neuza dos Santos, por serem os meus primeiros professores e ao meu irmão Alan dos Santos Gomes pelo carinho e respeito.*

*Também dedico este trabalho ao meu querido  
afilhado, Antônio Balestra Santana, por sua  
saúde e pelo sucesso do seu tratamento.*

## **Agradecimentos**

Os agradecimentos certamente é uma parte difícil de descrever. Foram e ainda são tantas pessoas que me ajudaram direta e indiretamente a cumprir esta fase.

Em primeiro lugar minha eterna gratidão ao Professor Lorismario E. Simonassi, meu Mestre. Que em todos estes anos de convivência não só me ensinou sobre a importância da ciência do comportamento, mas sobretudo se preocupou comigo como um Pai se preocupa com o filho. Capixaba de nascimento, Goiano por opção. Minha eterna gratidão.

Ao professor/co-orientador/amigo/irmão Cristiano Coelho.

Meu agradecimento a professora Elisa Tavares Sanábio Heck em participar como membro externo da banca avaliadora.

Ao professor e meu amigo Nelson Jorge da Silva Jr pelo inquestionável incentivo.

À professora Milca Severino Pereira, que por acaso é a Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa da PUC Goiás que por momento nenhum hesitou em fazer no que fosse possível e necessário para possibilitar minha presença e participação nas aulas e nas atividades correspondentes.

À Martha Diniz por toda sua gentileza, apoio e disposição em sempre atender todas as demandas dos alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Um agradecimento ao professor Lauro Eugênio Guimarães Nalini por estar disponível para diálogo e pela presença.

Um agradecimento especial ao Professor e amigo José Nicolau Heck e Nivaldo dos Santos

Ao professor Rodolfo Petrelli pela longa amizade.

Aos amigos do LAEC de ontem (os que passaram deixam saudades), e os de hoje nas pessoas do Ítalo, Pedro, João Lucas e tantos que participam como a “tropa de choque da ciência”.

Ao meu amigo professor Flávio da Silva Borges, sempre um apoiador.

Aos professores Márcio Queiroz Barreto, Antônio Carlos Godinho dos Santos, Adriana Bernardes Pereira, Maria Aparecida, Francisco Dyonísio (Dida), Dwain Phillip Santee, que contribuíram muita para minha formação em compreender a ciência.

Meu agradecimento a meus camaradas da PROPE de hoje, Cristiane, Darlan, Daniel, Fhenyfer, Geysa, Glenda, Irani, Priscila e Thorquato, e os de ontem, Arlene, Messias entre outros.

Meu agradecimento ao Shermann Prado Calixto pelo desenvolvimento do software e pelas soluções criadas que muito ajudaram.

Meu agradecimento e admiração pelo professor Giuseppe Bertazzo, que tanto me ajudou em um passado remoto.

Um agradecimento muito especial a Empresa Naturae, pois este trabalho só foi possível ser realizado devido à bolsa empresarial concedida.

Agradeço a todos os amigos que de forma direta ou indiretamente ajudaram de alguma forma e estão ausentes neste agradecimento.



## Resumo

O presente trabalho teve como objetivo investigar as relações entre as variáveis independentes, que neste estudo foram os contextos verbais (instrução) e não-verbais (Figura/imagem de objeto) e seu efeito na variável dependente, que foram os comportamentos que descreviam respostas referentes à OBJETOS e a AÇÃO em um episódio verbal total. Teve ainda como objetivo secundário o desenvolvimento de um *software* para a realização da coleta e análise de dados. Foi realizado um experimento de replicação sistemática do procedimento adotado no estudo de Simonassi e colaboradores para verificar: 1) se contextos verbais (instruções) e não verbais (objetos) exercem controle sobre respostas verbais em um episódio verbal total. Este experimento foi realizado com dez (10) participantes com idades entre 19 a 25 anos. Cada participante foi submetido a 4 condições experimentais diferentes (CONDIÇÃO 1, 2, 3 e 4) em um delineamento de sujeito como seu próprio controle. Nas CONDIÇÕES 1, 2 e 3 foi apresentada a seguinte instrução “QUEIME LOGO ESTA PONTA AÍ”, sendo que nas CONDIÇÕES 2 e 3 foram apresentados os seguintes estímulos não-verbais CONDIÇÃO 2: FÓSFORO e BARBANTE (Figuras/imagens) e na CONDIÇÃO 3: FÓSFORO e VELA (Figuras/imagens). E na CONDIÇÃO 4 foi apresentada a instrução ““QUEIME LOGO ESTA PONTA AÍ. CALMA SENHOR, SENÃO ACABO ESTRAGANDO A ROUPA””. Em cada condição o participante foi solicitado a responder suas respostas por escrito. A análise foi realizada com a categorização das respostas textuais referentes a OBJETO e a AÇÃO. Verificou-se que uma frequência considerável de respostas verbais textuais que faziam referências aos objetos relacionados (Figuras/imagens) a ações. Os resultados foram semelhantes ao do Experimento de Simonassi e Cols. Concluiu-se que tanto o contexto verbal (instrução) quanto o contexto não-verbal (objetos) quando alterados, também alteravam sistematicamente o responder dos participantes nas diversas condições experimentais.

**Palavras-Chave:** comportamento verbal; contexto; significado; análise do comportamento

## Abstract

The goal of the present work was: to investigate the relations between the independent variables, which in this study were verbal (instructions) and non-verbal (figures and images of objects) contexts and their effects in the dependent variable, which was the descriptive behavior of OBJECTS and ACTIONS in a total verbal episode. We had also a secondary goal: the development of a software for the collect and analysis of data. An experiment was conducted as a systematic replication of the work by Simonassi, Tizo, Gomes e Alvarenga (2010) in order to verify: 1) if verbal and non-verbal contexts exert control over verbal responses in a total verbal episode. This experiment was conducted with ten (10) participants with ages varying from 19 to 25 years. Each participant was exposed to 4 different experimental conditions (CONDITIONS 1, 2, 3 and 4) in a single-case design. During the CONDITIONS 1, 2 and 3 the following instructions was presented: "BURNING THIS TIP HAS BEEN", being that in the CONDITIONS 2 and 3 the following non-verbal stimuli were presented: MATCHES and a STRING (figures and images) and in the CONDITION 3: MATCHES and a CANDLE (figures and images). In the CONDITION 4 the instruction presented was "BURN IT ON THIS TIP. CALM SIR, STILL ENDING STRUCTURING CLOTHES". In each condition the participant was asked to write his answers. A categorization of the textual responses as referent to OBJECT or ACTION was used for analysis. We verified a considerable frequency of textual verbal responses that made reference to the related objects (figures/images) and actions. The results were similar to those found by Simonassi & Cols. We concluded that both the verbal (instruction) and non-verbal (objects) contexts, when altered, controlled changes in the participants' responses across the experimental conditions in a systematic way.

**Key-words:** verbal behavior; context; meaning; behavior analysis

**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>01</b>
<b>OBJETIVO.....</b>	<b>24</b>
<b>MÉTODO .....</b>	<b>25</b>
<b>LOCAL E MATERIAIS .....</b>	<b>26</b>
<b>PROCEDIMENTO.....</b>	<b>28</b>
<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>33</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>57</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>58</b>

**LISTA DE TABELAS**

**TABELA 1 – RESPOSTAS VERBAIS EMITIDAS PELOS PARTICIPANTES NAS 4 CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS CATEGORIZADAS COMO OBJETO E AÇÕES CONTEXTUAIS.....35**

**TABELA 2 – PORCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS VERBAIS EMITIDAS PELOS PARTICIPANTES REFERENTES A OBJETOS CONTEXTUAIS NAS 4 CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS.....37**

**TABELA 3 – PORCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS VERBAIS EMITIDAS PELOS PARTICIPANTES REFERENTES A AÇÕES CONTEXTUAIS NAS 4 CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS.....38**

**TABELA 4 – PORCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS VERBAIS EMITIDAS PELOS PARTICIPANTES REFERENTES À OBJETOS CONTEXTUAIS NAS 4 CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS EM RELAÇÃO AO TOTAL DE RESPOSTAS.....40**

**TABELA 5 – PORCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS VERBAIS EMITIDAS PELOS PARTICIPANTES REFERENTES À AÇÃO CONTEXTUAL NAS 4 CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS EM RELAÇÃO AO TOTAL DE RESPOSTAS.....41**

**LISTA DE FIGURAS**

<b>FIGURA 1</b> .....	<b>30</b>
<b>FIGURA 2</b> .....	<b>32</b>
<b>FIGURA 3</b> .....	<b>43</b>
<b>FIGURA 4</b> .....	<b>43</b>

## **Introdução**

Skinner em seu texto *Contingências de Reforço* (Skinner, 1969) descreve que, até o século XIX, não havia uma Psicologia que fosse rigorosamente e suficientemente empírica para ser chamada de uma disciplina científica. A Psicologia desde os gregos era retratada com os princípios filosóficos da metafísica, assim como outras ciências. A física, química, astronomia tiveram suas origens na filosofia e apenas se desenvolveram independentes quando as pessoas começaram a tentar entender os objetos e os fenômenos naturais por meio de sua observação (Baum, 2006).

Os químicos na tentativa de criar novos elementos, misturavam várias substâncias sem terem conhecimento da existência dos átomos, moléculas e outros elementos essenciais para que ocorressem reações equilibradas. Com a Psicologia não foi diferente. No entanto, a sua emancipação da filosofia como disciplina científica foi tardia. Um dos grandes problemas enfrentados pela Psicologia, ao se tornar uma disciplina científica, foi o de definir seu objeto de estudo (Schultz & Schultz, 2009). Para alguns autores (Bock & cols, 1997; Schultz & Schultz, 2009), ela se tornou em determinado momento histórico, demasiadamente introspectiva, na contramão do método científico que, dentre várias características, postula para que um fenômeno possa ser estudado, ele deve ser observado e compreendido por diferentes observadores.

Na teoria mentalista destaca-se a existência de dois mundos psicológicos, um seria o físico, espaço compreendido pelo corpo do indivíduo, no qual é constituído de ações motoras apresentadas pelo indivíduo e por toda sua estrutura neuro-fisiológica, que seria envolvida nos comportamentos; e a outra com uma característica especial, que são os próprios eventos mentais, como consciência, introspecção e a subjetividade (Baum, 2006;

Matos, 1997; Skinner, 1969). Segundo a orientação mentalista, os estados mentais seriam analisados pela introspecção.

De acordo com esta orientação, introspecção é um tipo de percepção interna, apresentada como um instrumento de investigação de conteúdos vivenciados pelos indivíduos (Herrnstein & Boring, 1966/1971, Myers, 1998).

Ao se utilizar a introspecção como instrumento de investigação, possibilitou aos psicofísicos o estudo da consciência (Herrnstein & Boring, 1966/1971). A consciência deve ser entendida como uma estrutura que se encontra dentro do organismo e que possui caráter de determinação dos comportamentos. Os estados corpóreos e os comportamentos são experiências que a consciência já os haviam representado. Os divulgadores desta teoria seriam Weber, Fechner (Herrnstein & Boring, 1966/1971), Wundt e Titchner (Matos, 1997). A consciência seria a cópia das coisas experienciadas em determinadas situações.

Por exemplo, para que uma pessoa possa sonhar com uma praia, acredita-se que haja um conhecimento, uma consciência previamente estabelecida na estrutura da visão da pessoa, a existência da praia. A consciência seria uma instância constante e inata na vida dos indivíduos. Por outro lado, a introspecção seria um instrumento da percepção que possibilitaria a investigação da consciência.

A influência do meio ambiente era subvalorizada, tratado como lugar comum onde os organismos viviam e se comportavam, deixando-se de analisar o porquê que ocorriam diferentes maneiras de se comportar em diferentes ambientes modificados pelas ações diversas, seja na forma de mudanças naturais ou pela ação direta ou indireta do homem (Skinner, 1974/2016/2006, Baum, 2006). Para a Psicologia tornar-se uma disciplina científica, surgiu a necessidade de submeter seu objeto de estudo a verificação empírica utilizando o método experimental que é o método universalmente utilizado pelas ciências naturais para investigar as relações entre eventos (Sidman, 1976).

Com a publicação de seu manifesto Watson (1913) rompe com a tradicional explicação da Psicologia mentalista, introspectiva e subjetiva, e propõe que o objeto de estudo seja o comportamento. Sua proposta era trazer a Psicologia para um nível de discussão mais realista e pragmática. Criticava a versão que a natureza dos fenômenos subjetivos era mental e, portanto incapaz de ser incluída em uma ciência do comportamento.

Para Anderson (2000), o Behaviorismo Watsoniano apresenta um ponto de vista metodológico de seu tempo, não nega a existência de tais fenômenos subjetivos, apenas os desqualifica e estabelece limites para a investigação para uma ciência do comportamento. Assim a primeira versão do behaviorismo tem seu marco com a publicação do artigo de Watson (1913) denominado “Psychology as the behaviorist views it” (A Psicologia como um comportamentalista a vê) no periódico *Psychological Review* (Baum, 2006). Neste trabalho Watson lança os fundamentos de uma Psicologia baseada nas ciências naturais, no estudo objetivo e o uso do método experimental como modelo de investigação (Ardila, 2013) com significativa influência dos estudos reflexologistas de Pavlov.

O legado de Watson foi o rompimento com a forma tradicional de compreender a Psicologia como o estudo da mente, propondo o abandono definitivo do tipo de método até então utilizado pela maioria dos psicólogos, o método filosófico da introspecção (Baum, 2006). O Behaviorismo de Watson foi bem sucedido na medida que cumpriu seu dever em relação aos seus objetivos da época, que era trazer um maior pragmatismo e o combate ao mentalismo reinante na época (Skinner, 1974/2016). Esse modelo de behaviorismo ficou conhecido na história como Behaviorismo Metodológico, da ênfase no comportamento respondente ou condicionamento clássico, e que na literatura da área é representado pelo paradigma:

**S** —→ **R**



Onde **S** seria os estímulos que eram tratados como eventos físicos específicos encontrados no ambiente externo e **R** as respostas que seriam as instâncias do comportamento (Catania, 1999).

As origens das primeiras idéias sobre reflexo surgiram no século XVII quando Descartes propôs a teoria do ato reflexo. Esta teoria postulava que um estímulo externo pode gerar um movimento corporal não dependente da vontade do sujeito. Mas foi apenas no século XIX que os reflexos foram isolados e estudados inicialmente pelos fisiologistas, mas a maior contribuição foi de Pavlov que, com seus estudos sobre digestão o levou a identificar a forma com que os reflexos incondicionados poderiam produzir novos estímulos condicionados (Skinner, 1969).

O problema do Behaviorismo proposto por Watson foi excluir de seu objeto de estudo aqueles eventos que não haveriam concordância na sua observação. Estes seriam os eventos privados como pensamentos, sentimentos, emoções e outros eventos por dentro da pele (Baum 2006, Catania, 1999; Skinner, 1974/2016, 1954). Não porque negava sua existência, Watson nunca disse que o que denominamos hoje como eventos privados não existiam, apenas dizia que estes eventos estavam de forma inaccessível metodologicamente como objeto de estudo. O manifesto de Watson (1913) serviu de aviso para os psicólogos de orientação mentalista ao discutir os estados mentais, apresentando os problemas com suas definições e com os instrumentos de coleta de dados. Para Watson, a introspecção não era um instrumento confiável à Psicologia e aos estudos dos eventos mentais por não possibilitar a replicação dos resultados obtidos. Sendo assim, a introspecção/interpretação seria um instrumento de percepção que garantia ao indivíduo acesso a suas representações vivenciadas em sua interação como o meio.

Baum (2006) observa que o behaviorismo Watsoniano baseava-se no realismo, isto é, toda experiência é causada por um mundo real e objetivo separado do subjetivo e

interno. Já no behaviorismo radical suas críticas conferidas ao mentalismo foram relativas ao instrumento utilizado para acessar o estado mental de consciência e, não à existência destes estados.

### **Análise do comportamento, Comportamento Verbal e Contexto**

O meio ambiente favorece ou dificulta comportamentos, mas de certa forma não determina sua ocorrência (Skinner, 1969). Quer dizer que, nem toda mudança que poderá vir a ocorrer no ambiente, altera comportamentos. A Análise do Comportamento utiliza-se do conceito de contingência para identificar as relações entre os estímulos presentes no ambiente e as consequências produzidas pelo responder dos organismos (Todorov, 1985, 1991). Uma contingência estabelece uma relação entre eventos ambientais ou entre comportamento e eventos ambientais na forma condicional, sendo que o pesquisador procura relações funcionais a partir da alteração dos estímulos e observa seu efeito no comportamento (Todorov, 1991).

O Analista do Comportamento tem uma forte influência da teoria da evolução proposta por Darwin (Matos, 1999). É inegável que os organismos são dotados de um vasto patrimônio genético herdado em um escala de tempo em gerações, de uma aptidão inata que responde aos efeitos das consequências (Baum, 2006). A filogênese é a história da evolução de uma espécie em constante adaptação ao meio ambiente. Ao não ignorar a herança genética das espécies por seleção natural, acreditamos que todas as mudanças comportamentais são derivadas de um processo de seleção pelas consequências (Skinner, 2007<sup>1</sup>). A este nível de evolução chamamos de seleção operante ou ontogênese. É ela que

---

<sup>1</sup> Artigo originalmente publicado na Revista Science, [Skinner, B.F. (1981). Selection by consequences. Science, 213, 501-504]. A tradução para a língua portuguesa e a publicação na Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva foram permitidas pela American Association for the Advancement of Science e pela B. F. Skinner Foundation.

nos ajuda a entender a origem das diferenças comportamentais entre os indivíduos de uma mesma espécie em interação.

Uma outra visão do processo de seleção é o cultural. Indivíduos são parte de um grupo social (em diversos níveis) onde, para além das características genéticas, ele integra e adquire um repertório comportamental transmitidos, pelo seu grupo social que é, em termos muito gerais, o resultado de variação, transmissão e seleção (Todorov, 2004; Skinner, 1953/1967; Baum, 2006).

O termo Behaviorismo faz referência a uma filosofia da ciência que tem como objetivo esclarecer temas e métodos de investigação da Psicologia e a Análise Experimental do Comportamento não é uma área, mas sim uma maneira de estudar o objeto da Psicologia (Skinner, 1980). A proposta do Behaviorismo Radical de Skinner difere de outros behaviorismos em vários aspectos como a metodologia e o papel do ambiente (Baum, 2006; Catania, 1999; Chiesa, 1994). Mas uma diferença importante entre o behaviorismo Watsoniano e o Radical, é que este inclui aqueles eventos que não precisam de concordância entre dois ou mais observadores, por exemplo, o pensamento.

Diferentemente do Cognitívismo, o radical inclui aqueles eventos que são observáveis pela pessoa que o experimenta, como os eventos neurológicos ou fisiológicos. Estes eventos não podem ser observados diretamente pelo organismo, mas são inferidos de acordo com ocorrência ou não de comportamentos. Por exemplo, quando um amigo dirige sua mão à cabeça, você pode a partir deste comportamento inferir que ele esteja com dor de cabeça, mas você não tem acesso diretamente a dor. Portanto, de acordo com o behaviorismo radical, uma forma de acesso aos eventos privados seria o uso de conceitos de eventos inferidos e não a interpretação para o estudo de eventos verbais privados (Skinner, 1953; Simonassi, 2015).

Simonassi (2015) aborda o tema em um manuscrito discutindo a não necessidade do uso do conceito de interpretação citando várias referências à Skinner e outros autores. Segundo o autor o uso deste conceito seria um retrocesso para a ciência do comportamento como uma ciência natural. Segue-se a isso a importância das definições operacionais dos termos psicológicos (Skinner, 1945). A ciência tem como função a explicação de relações dos fenômenos naturais de seu objeto de estudo, e para isso cada área adota um dicionário científico que, apesar do uso de palavras semelhantes, seu significado é único para aquela área (Skinner, 1945). Em 1945, Skinner apresentou um trabalho intitulado “A análise operacional dos termos psicológicos”, onde defende que uma ciência do comportamento pode e deve estudar o fenômeno da subjetividade, diferentemente das propostas do manifesto behaviorista de Watson e de alguns behavioristas contemporâneos.

Segundo Skinner (1974), o conceito básico para o qual o Behaviorismo tenta lidar com a problemática da subjetividade é o de eventos privados. Skinner ainda sugere que três aspectos devem ser considerados no estudo de tais eventos (Tourinho, 1990): 1) questões referentes à definição e a natureza dos estados mentais; 2) forma de análise a ser utilizada com os termos em relação aos estados mentais; 3) forma de explicar a linguagem utilizada.

Para a ciência do comportamento não é diferente, os conceitos propostos devem ser, dentro do possível consensuais e utilizados pela comunidade científica de analistas comportamentais. Por exemplo, o uso da palavra comportamento tem diversos significados nas ciências (Todorov & Henriques, 2013). Historicamente seu uso é demasiadamente abusivo na Psicologia para tratar diversos constructos inventados ou a agentes ocultos (Baum, 2006) e, por isso, este trabalho tem como base a da Análise do Comportamento. A definição de comportamento será a interação entre organismo e ambiente (Todorov, 2007) e para o Behaviorismo definir comportortamento, é preciso o esforço de diferenciar-se da

Psicologia tradicional (Todorov, 2013), não negando a existência de sentimentos, emoções, pensamentos, pelo contrário, reforçando a necessidade de investigá-los (Sério, 2005). Por exigência da ciência do comportamento, torna-se necessária uma investigação dos sentimentos, emoções, pensamentos e outros fenômenos subjetivos também dentro de uma ciência psicológica que propõe como objeto de estudo o comportamento e, de acordo com o behaviorismo radical, estes fenômenos podem ser analisados com conceitos de uma ciência do comportamento.

Tradicionalmente, a palavra comportamento é usada para expressar ações que envolvem a idéia de mecânica, e em várias ciências seu sentido é utilizado de diferentes formas. Na análise do comportamento, ela remete ao significado de interação (Todorov & Henriques, 2013). A definição de comportamento ainda não é um consenso entre os behavioristas, mas é uma tentativa de diferenciar e se afastar do modelo de Psicologia tradicional dominante que atribui que as ações dos indivíduos são baseadas em um conjunto de constructos inventados sem comprovação científica (Smith, 2007).

Skinner (1945, 1969, 1974; Tourinho, 1999) não atribuem caráter especial para os eventos privados, nenhuma natureza especial precisa ser suposta, nenhum apelo à metafísica se torna necessário para explicá-los (Simonassi, Tourinho & Silva, 2001). Estes eventos seriam pertencentes ao mundo natural, sem possuírem leis próprias, mas leis que são passíveis de observação pública. Os eventos privados seriam fenômenos físicos, naturais, de acesso restrito aos corpos nos quais ocorrem, e assim, a contingência tríplice é a ferramenta de investigação que possibilita a análise interacional das relações do indivíduo com o ambiente (Simonassi, Tourinho & Silva, 2001). Por isto, torna-se necessária a adoção do termo evento privado, ou, o mundo dentro da pele, no lugar de estado mental ou subjetividade, já que este último apresenta uma concepção fundamentada na noção metafísica dualista mente e corpo.

A contingência especifica a identificação das variáveis ambientais das quais o comportamento é função. Estas variáveis ambientais podem estar no presente ou passado, que estabelecem condições que determinam a ocorrência de determinadas respostas que produziram mudanças.

Para uma análise dos eventos privados, a contingência possibilita identificar os tipos de controle exercidos especificamente pelas variáveis determinantes do comportamento. Estas variáveis podem ser externas (ex. estimulação exteroceptiva), como internas (ex. estimulação interoceptiva) ao indivíduo (Skinner, 1953/1967). Os eventos privados, que podem ser respostas e estímulos, são classificados como pensar e sentir. O pensar seriam comportamentos resultantes do condicionamento operante e que ocorrem como respostas, e o sentir, estados corporais públicos ou privados, que são controladas por estimulação proprioceptiva e interoceptiva (Skinner, 1965, 1974; Baum, 2006).

Ao utilizar a contingência como instrumento de análise, podemos identificar dois tipos de eventos privados: 1- um modelado pelas contingências, e; 2- comportamento governado por regras (Simonassi, Oliveira & Gosch, 1997). Por comportamento modelado pelas contingências, entende-se o comportamento que, em determinadas condições, foi seguido por uma determinada consequência no passado e que passa a ter sua frequência alterada. O comportamento governado por regras é observado quando um comportamento de um indivíduo está sob controle de estímulos verbais antecedentes que especificam as contingências que entraram em vigor (Skinner, 1957/1978, 1969; Baum, 2006; Catania, 1999).

Skinner (1974) mostra que o acesso ao mundo privado não indica que as informações obtidas sejam os eventos privados, pois os meios utilizados para o acesso são sensíveis às contingências. A ação destas podem fortalecer operantes que não

correlacionam ao evento privado. A análise de acesso aos eventos privados depende da história de exposição às contingências ontogenéticas e culturais. Os eventos privados não são compreendidos como fenômenos mentais que determinam fenômenos físicos, são compreendidos como fenômenos físicos.

Os eventos privados não são acessíveis à observação pública e a controles diretos, mas são passíveis de investigação (Simonassi, Tourinho & Silva, 2001). Ao contrário dos eventos públicos, que são acessíveis a investigação empírica experimental direta, os eventos privados podem ser investigados mediante a experimentação inferencial e observação indireta (Skinner, 1953; Tourinho, 1995).

Para Skinner (1945), os eventos privados seriam eventos sentidos e/ ou produzidos pelo próprio indivíduo. Estes eventos devem ser analisados a partir de sua ocorrência utilizando relatos verbais. O problema da topografia dos eventos privados é estabelecer a possibilidade de se observar a si mesmo e da viabilidade do relato de descrever o que de fato ocorre com o indivíduo e com seu mundo privado.

Os relatos seriam respostas adquiridas e controladas pela comunidade verbal que disponibilizam as contingências de reforçamento, tais respostas verbais contribuem para o acesso aos eventos privados, pois sem elas seria impossível a comunidade estabelecer ações específicas em relação ao indivíduo.

A ocorrência de relatos não garante acesso efetivo aos eventos privados, e nem a certeza de que o relato apresentado pelo indivíduo é adequado para a compreensão dos eventos aos quais o indivíduo experimenta. Sendo assim o acesso aos eventos privados é indireto, e sendo indireto é necessário se fazer inferência sobre os eventos baseado-se em medidas observáveis (Gongorra & Abib, 2001; Skinner, 1974/2016/2006; Simonassi, Tourinho & Silva, 2001).

As inferências podem ser fundamentadas pelas comparações entre os termos da contingência e os comportamentos de descrição das contingências e da resolução de problemas, conforme investigações de Simonassi e cols (1997). As descrições das contingências seriam relatos verbais que especificam propriedades das contingências nas quais o indivíduo está interagindo (Skinner, 1969; Simonassi, 1997; Catania, 1999).

Quando um indivíduo se encontra com uma situação em que não dispõe de respostas efetivas de solução, estamos falando de situação problema (Skinner, 1968, 1974). Quando o indivíduo apresenta respostas nesta situação que proporcionam a ocorrência de reforçadores, ocorrem resposta ou de solução, e quando o indivíduo apresenta um conjunto de respostas que aumentam a possibilidade de resposta de solução, ocorreram respostas de resolução (Simonassi, 1997).

Quanto ao estudo de solução de problemas, deve-se considerar dois pontos: 1- que a resposta de solução possa já ter ocorrido, mas ainda não se estabeleceu como função de solução, e, 2- observar estas respostas junto com as interações que antecedem o estabelecimento da resposta de solução (Simonassi, 1997). Deve-se investigar os comportamentos precorrentes nas interações que antecedem o estabelecimento das respostas de solução, porque estes comportamentos lidam com a manipulação pública ou privada de variáveis que tornam mais prováveis o aparecimento de respostas de solução de problemas.

Ao se manipular variáveis, estamos falando de modificações no ambiente, e este ambiente podendo ser externo e interno ao indivíduo. Skinner (1968) aponta três diferentes situações em que podem ocorrer estas manipulações: 1- mediante uma história de reforçamento de um indivíduo, em que este adquire um repertório comportamental para situações específicas, tendo a possibilidade de apresentar respostas de solução; neste caso denominamos autocontrole; 2- quando existe no indivíduo um repertório de respostas, mas



não é de seu conhecimento de quais são suas conseqüências. 3- manipular variáveis para o estabelecimento de respostas que não fazem parte do repertório do indivíduo, garantindo assim, o aparecimento de respostas que não foram identificadas antes de serem emitidas.

Para Skinner (1957/1978), em situações problema, o indivíduo manipulando as variáveis ambientais, poderá rearranjar os estímulos de tal maneira a solucionar o problema. Este rearranjo poderá ocorrer de maneira pública ou privada. Podemos especificar os eventos privados a partir de duas orientações; uma como relações funcionais que envolvem a discriminação de estimulação proprioceptiva e interoceptiva, e a outra como respostas que ocorrem em uma escala reduzida e que foram adquiridas e são mantidas pelo condicionamento operante disponibilizado pela comunidade verbal. Ambos os tipos, os comportamentos são adquiridos na relação dos indivíduos com o meio ambiente (Skinner, 1957/1978). A comunidade verbal exerce uma fundamental importância em relação aos eventos privados na aquisição de repertórios de discriminação de propriedades estimulatórias (exteroceptiva e interoceptiva) do indivíduo.

De acordo com a orientação skinneriana, a investigação sobre eventos privados pode ser abordada empiricamente, sendo tais eventos tratados como um fenômeno natural. Mas ainda é problemática a sua investigação, prova disto é a pequena existência de estudos empíricos em relação ao tema (Anderson, Hawkins, Freeman & Scotti, 2000).

Trabalhos clínicos têm observado que instruções que estão privadas, falar consigo mesmo, tem resultado em alterações nas respostas públicas. Pode ser que uma das funções do pensamento seja de alterar o fazer (os operantes) (Anderson, Hawkins, Freeman & Scotti, 2000). Skinner (1957/1978) relaciona quatro estratégias básicas de como a comunidade exerce controle na aquisição destes eventos. A primeira seria o estabelecimento de uma correlação inferencial da estimulação exteroceptiva aos eventos privados internos, para a comunidade verbal que está observando o indivíduo. Quando

uma criança cai e começa a sangrar, a comunidade verbal pode descrever prováveis respostas internas que poderiam estar ocorrendo naquele momento. Assim, a partir de estímulos públicos a comunidade irá associá-los com prováveis estímulos internos e disponibilizará reforçadores adequados ao indivíduo.

A segunda estratégia envolve a correlação entre o que denominamos respostas colaterais públicas a possíveis estímulos privados. Ao observar certos padrões de respostas não verbais em uma dada situação, a comunidade passa a inferir a existência de estímulos internos, disponibilizando reforçadores adequados para se tatear estes eventos privados (Skinner, 1957/1978). Quando uma criança começa a chegar em casa depois da escola todos os dias arrastando o pé, os pais perguntam se o pé está doendo. O arrastar o pé seria uma resposta colateral a uma estimulação interna que é dor no pé.

A terceira estratégia seria a de descrever seu próprio comportamento privado em função de uma estimulação interna. Com correlações entre estímulos internos e externos, os indivíduos podem descrever propriedades dos estímulos internos na ausência de estímulos externos. Quando um indivíduo vai ingerir um medicamento para controlar determinada dor por um período específico, ao longo do tratamento, o indivíduo passa a discriminar suas reações fisiológicas que foram associadas ao horário específico da ingestão da droga.

A quarta estratégia envolve respostas públicas e eventos privados, onde há uma conexão destas respostas a termos usualmente da comunidade verbal, com referência aos eventos internos. A partir das propriedades dos estímulos coincidentes, se estabelece analogia que são reforçadas pela comunidade verbal. Por exemplo, quando um indivíduo descreve suas reações fisiológicas como explosiva, vibrante, ardente (Malerbi & Matos, 1992).

Com a descrição dos eventos privados, podemos constatar que sua linguagem é um produto social. Para conhecer e manter as condições de aquisição de tais repertórios, a comunidade deve estabelecer contingências reforçadoras para os eventos privados, e investigar de que maneira a comunidade verbal produz e mantém tais comportamentos.

### **Episódio Verbal**

O comportamento altera o meio ambiente, seja por ações mecânicas exercidas pelo próprio indivíduo de forma direta ou mediante ações indiretas (Skinner, 1957/1978). Desta forma estamos falando de comportamentos não-verbais e comportamentos verbais. O tipo de comportamento mais complexo de ser submetido ao estudo experimental é o comportamento verbal. O comportamento verbal é definido por Skinner como um comportamento operante que é reforçado pela mediação de outras pessoas (Skinner, 1957/1978). Esta outra pessoa seria o ouvinte, que integra a mesma comunidade verbal do falante, sendo que estes tipos de comportamentos são afetados por seu efeito nas pessoas (o próprio indivíduo e nos outros). Esta interação entre falante e ouvinte denominamos de episódio verbal. Skinner (1957/1978) apresenta o episódio verbal como unidade básica de análise do comportamento verbal.

O episódio verbal é composto pelo falante e ouvinte. Estas funções estão em constante mudança, ou seja, ambos somos falante e ouvinte de nós mesmos e para o outro, e o outro se torna ouvinte e depois falante. Desta forma, a definição de comportamento verbal skinneriana contém dois postulados fundamentais que podem ser resumidos da seguinte maneira: primeiro, o comportamento verbal é um comportamento operante reforçado pela mediação de outra pessoa (Machado & Simonassi, 2014), e segundo, o comportamento verbal encontra-se livre das relações espaciais, temporais e mecânicas

Skinner operacionaliza linguagem como sendo um comportamento operante e passa a chamá-la de comportamento verbal, definido como o *comportamento cujo reforço é mediado por outra pessoa que foi especificadamente condicionado para ser o mediador de tais reforços* (Skinner, 1957/1978), estabelecendo assim, uma relação funcional (Episódio Verbal) entre falante-ouvinte, ou seja, estabelece uma diferença onde este tipo de comportamento é modelado e mantido pela comunidade verbal específica.

É importante afirmar que esta relação falante-ouvinte pode ser observada na mesma pessoa, por exemplo, na análise do comportamento verbal textual, onde o escritor seria o falante e o leitor o ouvinte, ambos sendo a mesma pessoa.

Ainda há poucos trabalhos de investigação sobre o sobre as variáveis controladoras do comportamento verbal, e uma carência de dados empíricos experimentais, em parte justificado pela inexistência de um modelo metodológico consagrado para o estudo de eventos privados e sobre comportamento verbal, em parte também pela delimitação conceitual dos termos.

Considerando a relevância desse tema, pois uma parte significativa do nosso comportamento no dia-a-dia é verbal, isto é, modificamos nosso ambiente a partir da emissão de mandos, tatos, ecoicos e intra-verbais e sendo o comportamento verbal nada mais do que uma interpretação comportamental para o fenômeno denominado por linguagem (Barros, 2003), fica claro que é evidente a importância de investigações empíricas.

Skinner (1957/1978) apresenta algumas categorias do comportamento verbal que estão sob controle de aspectos e propriedades do ambiente. Uma destas categorias que descreve aspectos do falante é o Tato. O Tatar são respostas verbais, vocais ou motoras controladas por estímulos discriminativos não-verbais e mantidos por consequências sociais (Barros, 2003). Estas respostas devem ter correspondência na comunidade verbal,

seu controle é exercido pela comunidade verbal, que fornece reforçadores quando existe uma relação entre a resposta verbal do indivíduo na presença de estímulos antecedentes específicos.

A definição de Skinner (1957/1978) para o Tatear seria aquele comportamento operante emitido em certas condições específicas antecedentes nas quais ocorreria o fortalecimento destes operantes. O Tatear também ocorreria para especificar os eventos privados, da mesma forma como ocorre para especificar os eventos públicos (Baum, 2006).

Outra categoria de operantes verbais é o Mando, que é definido como respostas verbais, vocais e motoras controladas por eventos encobertos, ligados a estados motivacionais ou afetivos (Barros, 2003; Skinner, 1957/1978). “O mando é o operante verbal pelo qual a comunidade verbal é capaz de dar ordens (- Fale baixo!), fazer pedidos (- Você me emprestaria um livro?), identificar reforços necessitados pelas pessoas (- Quer que ligue o ar refrigerado?), fazer perguntas, dar conselhos e avisos, pedir a atenção de alguém, etc.” (Passos, 2003).

São ainda categorias do comportamento verbal o ecóico, textual e a transcrição, que são controlados por estímulos discriminativos verbais apresentados por outros falantes e por reforço generalizado, a natureza do estímulo é visual ou auditivo e a modalidade da resposta é vocal ou escrita (Catania, 1999).

Os intraverbais são respostas verbais, vocais e motoras controladas pelo próprio comportamento verbal do falante e mantido por reforçador social. Seu controle é complexo, podendo envolver cadeias comportamentais (Passos, 2003). O comportamento autoclítico também são respostas verbais, vocais ou motoras controladas pelo próprio comportamento verbal do emitente e as quais articulam, organizam ou modificam as respostas verbais que as controlam. Sua ocorrência depende de outros comportamentos

verbais do próprio emitente. Assim, o autoclítico é uma unidade do comportamento verbal que qualifica, enfatiza, ordena, coordena e altera a função de mandos e tatos (Skinner 1957/1978; Catania, 1999 & Passos, 2003).

Porém especificar as relações funcionais do comportamento verbal está longe de ser simples, tanto para o falante como para o ouvinte. Passos (2003) enumera algumas dificuldades no estudo empírico do comportamento verbal. Uma é o fato de parte significativa de estímulos discriminativos são produzidos por eventos privados e sua dificuldade em acessá-los, além da sua correspondência com comportamentos públicos já discutidos. Outra é a possibilidade do falante e ouvinte alternarem na mesma pessoa e recebem auto-reforçamento.

Fildalgo e Banaco (2014) publicaram um trabalho de revisão histórica de teses e dissertações defendidas sobre o estudo do comportamento verbal no Brasil entre os anos de 1968 e 2012. A conclusão do trabalho foi que o tema sobre comportamento verbal tornou-se um programa de pesquisa que vem crescendo ao longo dos anos. O estudo foi realizado analisando os trabalhos publicados nos Programas de Pós-Graduação avaliados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES), autarquia vinculada ao Ministério da Educação que regulamenta, autoriza e avalia os cursos de Pós-Graduação no Brasil. Foram investigadas as seguintes variáveis: tipo de trabalho, se tese ou dissertação, universidades de origem, orientadores, linhas de pesquisa, se básica ou aplicada, tipo de metodologia aplicada e temas de investigação.

Neste período de tempo foi catalogado um total de 789 dissertações e 221 teses defendidas (1.010 trabalhos) em temas sobre análise do comportamento. Após aplicação de filtros de busca, concluiu-se que foram publicadas 177 dissertações e 53 teses sobre comportamento verbal, em um total de 230 trabalhos. Um dado importante é que 95%

destes trabalhos foram publicados em seis (06) instituições USP (1971), PUC/SP (1999), UFPA (1987), UnB (1974), UFSCar (1978) e PUC Goiás (1999)<sup>2</sup>.

Este estudo demonstrou que dos 230 trabalhos defendidos no tema comportamento verbal, 64% utilizaram a metodologia experimental e 36% a metodologia descritiva. Em contradição as publicações em periódicos onde prevalecem estudos teóricos, os trabalhos de teses e dissertações adotaram um modelo de experimentação e delineamento de sujeito único proposto pela análise do comportamento.

A análise de Fidalgo e Banaco (2014) demonstra que o estudo do comportamento verbal no Brasil, de acordo com a proposta conceitual skinneriana, estabeleceu-se como um programa de pesquisa e que ao longo dos anos vem se consolidando. As áreas mais estudadas foram equivalência de estímulos, com 26%, controle operante do comportamento verbal, com 21%, comportamento governado por regras, com 19%, correspondência entre comportamento verbal e não-verbal, 15%, independência funcional entre operantes verbais, 5%, aquisição, manutenção e generalização de operantes verbais, 5%, comportamento verbal e noção de subjetividade, 3%, solução de problemas, 3%, metodologia utilizada no estudo do comportamento verbal, 2% e controle do comportamento verbal sobre o comportamento não verbal correspondente, 1%.

No estudo original de Simonassi e cols (2010), o experimento buscou verificar se a manipulação de contextos verbais e não-verbais exercia algum controle sobre respostas verbais em um episódio verbal. Participaram deste estudo 10 universitários. Foram utilizados três cartões: no primeiro cartão estava escrito “*Queime logo esta ponta aí*”. No segundo cartão (apenas utilizada na condição 4) estava escrito “*Queime logo esta ponta aí! Calma senhor, senão acabo estragando a roupa*”. E no terceiro cartão estava escrito a seguinte pergunta: “*Em qual contexto você acha que esta frase foi dita?*”, esta pergunta foi realizada nas 4 condições. Foram utilizados ainda os seguintes objetos, uma vela, um

---

<sup>2</sup>“ Os anos se referem ao ano de recomendação para funcionamento do curso.

pedaço de barbante, uma caixa de fósforos, uma bandeja, papel sulfite, caneta esferográfica e uma urna lacrada.

No procedimento, todos os participantes foram submetidos às 4 condições experimentais. Na condição 1, o experimentador entregava o primeiro cartão com a seguinte instrução “*Queime logo esta ponta aí*” e em seguida entregava outro cartão com o seguinte estímulo verbal: “*Em qual contexto você acha que esta frase foi dita?*”. O participante emitia a resposta e depositava na urna. A condição 2 era semelhante a condição 1, com o acréscimo dos estímulos não verbais (bandeja, caixa de fósforo e barbante) e era solicitado novamente que o participante emitisse sua resposta e depositasse na urna. A condição 3 era idêntica a condição 2, apenas barbante era substituído por vela. A condição 4 era sem os estímulos não verbais, era apenas apresentado o estímulo verbal “*Queime logo esta ponta aí! Calma senhor, senão acabo estragando a roupa*”. Em seguida apresentado outro cartão “*Em qual contexto você acha que esta frase foi dita?*”. O participante emitia a resposta verbal escrita e depositava na urna.

Os resultados deste experimento foram obtidos categorizando as respostas verbais escritas dos participantes e separando-as em respostas relativas a objetos contextuais e respostas relativas a ações contextuais. Na discussão do artigo, os autores verificaram que variáveis como estímulos verbais e não verbais que funcionaram como contexto foram determinantes de respostas verbais em função do comportamento do ouvinte. A exemplo, a palavra *QUEIMAR* que foi emitida em algum momento nas 4 condições em 90% dos participantes.

Simonassi e cols (2010) concluíram neste estudo que quando alterado o contexto, seja verbal ou não verbal, os dados demonstraram que o comportamento acompanha estas alterações, que no estudo foi feito analisando-se respostas verbais escritas dos participantes.



Em um recente trabalho monográfico, Paula e Ferreira (2016) realizaram um estudo sobre a influência do contexto sobre o comportamento de escrever. Neste estudo, foram utilizadas 6 figuras como estímulos, representando as classes cores, frutas, trânsito, pontuação gramatical, esportes e calçados divididos em 3 fases cada uma, com uma linha de base e duas condições experimentais, nas quais o contexto foi manipulado. Foram utilizados folhas de registro para cada um dos nove participantes.

Na Linha de Base da Fase 1 (LBF1) foi dada uma folha com a seguinte instrução: *“escreva na linha abaixo o que você pensa primeiro quando lê a palavra LARANJA”*. Após a LB seguia-se a situação experimental 1 (SE-1), onde foi inserida a primeira Figura contexto CORES. Em seguida iniciava a situação experimental 2 (SE-2) com a troca da Figura contexto para FRUTAS. Em ambas as situações eram fornecidas uma folha para descrição do relato.

Esse procedimento foi similar para as fases 2 e 3, com a diferença da mudança dos estímulos palavras e figuras de contexto na LB e SE para PONTO e TÊNIS. Após o término das 3 fases, o experimento era encerrado.

Este experimento teve como objetivo verificar como diferentes contextos não verbais exerciam controle no comportamento verbal de escrita. Os dados demonstraram que, neste estudo, foi possível verificar que os diferentes contextos exerceram controle no comportamento de escrita com 100% dos participantes completando com respostas que estiveram de acordo com o contexto ou com a figura apresentada. Em um total de 30 de 24 respostas, isto é, 80% foram configuradas como respostas que estavam sob controle do contexto. Como verificado no estudo de Simonassi, Tizo, Gomes & Alvarenga (2010), os relatos verbais escritos foram controlados pelo contexto, isto é, na medida em que ocorria uma mudança no contexto, o comportamento também mudava.

O behaviorismo radical postula que o significado deve ser buscado na interação entre variáveis independentes (ambiente – contexto) e dependentes (comportamento – resposta verbal), para se achar a função (significado) da linguagem (Skinner, 1957/1978).

Uma categoria importante para o estudo do comportamento verbal é o **mando**. O mando é operante verbal que especifica a consequência reforçadora (Skinner, 1957/1978). Os mandos podem fazer parte de instruções, que também estabelecem funções controladoras da resposta (Catania, 1999). Cotidianamente, usamos as instruções como especificadores e/ou dicas dos desempenhos que esperamos dos ouvintes, caso esta instrução especifique um reforçador, então ela será um mando.

O mando pode ser apresentado como palavras-chaves no conteúdo de uma instrução que mudem a probabilidade de ocorrência de uma resposta (Simonassi e cols, 1997), mas a função de uma palavra pode depender de outros estímulos verbais e/ou contextuais (Simonassi, Nalini, Barrreto & Mota, 1998).

Na proposta que Skinner (1957/1978) faz para a analisar o comportamento verbal das pessoas, deve-se levar em consideração o aspecto multi-causal do mesmo. Assim sendo, um estímulo verbal a qual uma pessoa responde foi, em determinado momento uma resposta verbal emitida pelo falante.

A partir do momento que o ouvinte responde ao estímulo verbal com comportamentos verbais, ele deixa de ser ouvinte e passa a ser falante. Portanto, sua resposta, agora como falante, pode ser função de  $n$  variáveis, entre as quais o estímulo verbal que lhe foi apresentado. Tal mudança de função de ouvinte para falante e vice-versa especifica o carácter dinâmico do comportamento verbal (Skinner, 1957/1978).

Entre  $n$  variáveis que controlam a resposta do falante, podem estar, além do estímulo verbal, outras variáveis tais como a história particular de cada pessoa, os estímulos discriminativos não verbais presentes no momento da resposta e outras. Ao

conjunto de tais estímulos discriminativos mais ou menos constantes em uma dada situação, denominamos de contexto (Skinner, 1957/1978; Baum, 2006; Catania, 1999, Todorov, 2007, Simonassi e cols, 2010). Todo comportamento ocorre em um contexto (Carrara & Gonzáles, 2006) e este não pode ser compreendido de forma isolada das partes envolvidas na interação (Machado & Simonassi, 2014).

Segundo Carrara (2004) a Análise Comportamental Contextualista analisa o fazer, o agir, o estar realizando, o que representa uma característica dinâmica, em contrapartida a um ato dado como pronto e estático. No sentido figurado, podemos dizer que a maioria dos verbos permite uma análise relacional e, por isso, contextual. Como exemplo, quem vai, vai a algum lugar; quem realiza, realiza algo; quem verbaliza, verbaliza sobre algo (Machado & Simonassi, 2014). Apesar da falta de verificação empírica, Skinner, (1957/1978), Catania (1999) e Baum (2006) e outros behavioristas radicais advogam que as respostas verbais de um falante podem mudar significativamente como função da mudança do contexto. Assim sendo, a discussão de que comumente chamamos de “significado” do que uma pessoa disse, deve ser analisado em função do estímulo ao qual ela respondeu, que de forma geral é um comando<sup>3</sup>, na classificação funcional do comportamento verbal proposto por Skinner (1957/1978) e das variáveis contextuais presentes.

No estudo da linguagem, existem duas taxonomias que visam a explicação do comportamento verbal. São elas a estrutural e a funcional. A primeira se refere aos aspectos sintáticos de construções de sentenças, a segunda refere-se às condições nas quais as sentenças são proferidas e as consequências que elas produzem (Catania, 1999). Frequentemente dizemos que as palavras carregam significados. No entanto, quando nos

---

<sup>3</sup> Neste texto não nos preocuparemos em analisar a classificação do comportamento verbal feita por Skinner (1957/1978). Uma classificação só tem sentido, caso a mesma tenha o objetivo de especificar as variáveis controladoras (variáveis independentes) do objeto de estudo em questão, no nosso caso, as interações entre comportamento e o meio ambiente.

referimos a uma classificação estrutural de uma sentença, devemos considerar também o contexto na qual a mesma foi proferida. O significado deve ser buscado na interação entre as variáveis independentes (contexto) e dependentes (significado), numa explicação funcional (Skinner, 1957/1978).

Partindo de uma visão Behaviorista Radical, entende-se o significado de uma sentença verbal como sendo o produto da manipulação de um contexto. Uma das vantagens de se analisar o “significado” da forma acima proposta é que se eliminam interpretações cognitivistas do tipo: o significado depende de como cada pessoa “*percebe, apreende, codifica, compreende, transforma, etc...*” uma sentença. Consequentemente o significado passa a ser estudado como função das variáveis independentes manipuladas.

## **Objetivo**

O atual experimento é uma replicação sistemática de Simonassi e cols (2010), que é um trabalho original na área de estudos das variáveis de contextos como determinantes de comportamentos verbais públicos. Para o presente estudo, foi desenvolvido o software CONTEXT utilizando a web para a coleta e análise de dados.

Este trabalho teve como objetivo, assim como Simonassi e Cols (2010) verificar como contextos verbais (instruções) e não verbais (figuras - imagens) exercem controle sobre respostas verbais em um episódio verbal total.

Teve como objetivo específico verificar o efeito de um estímulo verbal em que uma das partes do estímulo funciona como contexto na proposta de Skinner (1957/1978) sobre a resposta verbal textual e avaliar o efeito de uma sentença verbal textual apresentada em diferentes contextos verbais e não-verbais sobre respostas verbais textuais.

Para este experimento as variáveis independentes estudadas foram os estímulos contextuais (sentença e figuras/imagens) e a variável dependente foram as respostas textuais dos participantes (Significado).

## Método

### Participantes:

Participaram deste estudo 10 estudantes universitários com idades entre 19 e 25 anos, de ambos os sexos, dos cursos de gastronomia, fisioterapia, enfermagem, biomedicina e nutrição e que não tinham história experimental. O convite para participar do estudo foi realizado diretamente pelo pesquisador abordando nos intervalos das aulas os alunos que estavam em sala ou no corredor.

No momento que antecedia o início na tela do computador, o experimentador explicava a necessidade de Aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para estudos com humanos. Este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (CEP - PUC Goiás).

A informação fornecida ao participante no momento do convite era apenas que ele participaria voluntariamente de um estudo de pesquisa para o mestrado em Psicologia, sendo que a duração dependeria exclusivamente do tempo que o participante necessitasse para a conclusão da atividade programada. A duração média informada era de aproximadamente 10 a 20 minutos no total para a conclusão das 4 condições experimentais.

O aceite do TCLE foi realizado clicando no local específico na tela inicial do computador após a sua leitura pelo participante, acompanhado pelo experimentador para esclarecer quaisquer dúvidas.

Em termos gerais, o TCLE trazia informações sobre o objetivo, responsáveis pelo estudo, endereço e contato do pesquisador e do CEP, garantias de assistência caso ocorra a evidência de perda ou transtorno para o participante e garantias de sigilo absoluto da sua identidade na divulgação dos resultados. A transcrição completa do TCLE pode ser vista no ANEXO 2.

## Local e Materiais

As sessões de coleta de dados foram realizadas em cabines experimentais nas dependências do Laboratório de Análise Experimental do Comportamento (LAEC) e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

As características físicas das cabines eram: iluminação por lâmpadas fluorescentes, uma mesa, uma cadeira, possuía isolamento acústico e controle de temperatura. As salas tinham as seguintes medidas, 2 metros de altura por 2 metros de largura e 2 metros de comprimento, sendo que o ambiente era espaçoso para comportar os participantes do experimento.

Na coleta de dados, foram utilizando seis (06) microcomputadores com processador *Pentium* com tela (sensível ao toque) *TouchScreen* de 21 polegadas, sendo um microcomputador por cabine experimental.

O controle das contingências experimentais e o registro dos dados foram realizados pelo software "CONTEXT". O programa é acessado via web, construído para ser utilizado em qualquer navegador de acesso a World Wide Web (www). Ele era acessado no endereço <http://sol.pucgoias.edu.br/lc/ug/>. Este software foi desenvolvido na linguagem na extensão ASP.

Neste estudo, o navegador escolhido arbitrariamente para ser utilizado foi o Google Chrome. O registro dos dados foi no Microsoft Access. São 5 páginas ASP com as condições do experimento. *Index.asp*, "*condicao1.asp*", "*condicao2.asp*", "*condicao3.asp*", "*condicao4.asp*" e "*fim.asp*". Foi utilizando também uma impressora HP deskjet para a impressão dos dados. Cada um dos 10 participantes foi exposto a todas as 4 condições experimentais.

O software CONTEXT foi testado na coleta de 1 participante on-line para verificar o comportamento do software CONTEXT em relação ao registro e validade dos dados.

O armazenamento de dados se baseia na tecnologia de banco de dados e formulário na linguagem html. A partir do primeiro formulário - dados do participante-, quando este preenche os dados e aciona o botão "Gravar Participante", as informações preenchidas em cada campo do formulário são enviadas através de conexão com a internet e são armazenadas em uma tabela do banco de dados criado para o experimento.

Quando os dados deste participante são gravados na tabela este recebe um número de índice que é único pra cada participante.

Ao responder as questões do experimento, as respostas são vinculadas a este índice do participante. Isso garante que cada resposta pertence a um participante em específico. Além das respostas propriamente ditas, o tempo de início e fim do experimento também é gravado e vinculado às respostas de determinado participante seguramente identificado pelo índice único que este recebeu na gravação inicial dos seus dados.



## Procedimento

O delineamento experimental utilizado com os participantes submetidos ao experimento teve cada sujeito como seu próprio controle. Dessa forma, cada participante foi submetido seqüencialmente a 4 condições experimentais denominadas de CONDIÇÃO 1, CONDIÇÃO 2, CONDIÇÃO 3 e CONDIÇÃO 4, que compunham o programa “CONTEXT”.

Todos os participantes foram convidados individualmente à sala experimental do Laboratório de Análise Experimental do Comportamento e solicitados a sentarem-se de forma confortável em uma cadeira em frente ao computador com teclado e mouse sobre a mesa. Vale informar que antes do participante entrar na sala experimental, os computadores já estavam ligados e o software aberto no navegador no local correto para o início do experimento.

Após os participantes estarem sentados, o experimentador realizava uma exposição básica sobre as motivações do estudo e algumas instruções de como operar no computador adequadamente para que fosse executada a tarefa. Como os computadores tinham tela *TouchScreen*, o participante tinha 2 (duas) opções, quando na tela era solicitado o toque em expressões de “começar e continuar”. A primeira opção era o toque com o ponteiro do mouse, a segunda opção era o toque na tela com o dedo no local indicado. Esta informação foi dada para não causar problemas onde eventualmente o participante tocasse acidentalmente a tela e gerasse confusão e erro nos dados.

Toda as condições foram apresentadas em uma mesma sequência a todos os participantes, isto é, Condições 1, 2, 3 e 4. Estas foram realizadas em uma única sessão com cada participante, com duração média de 10 minutos cada condição.

O participante permanecia na sala experimental durante todo o experimento, já o experimentador se retirava quando terminava o cadastro conforme a Figura 1 abaixo.

**TELA DE CADASTRO:** antes do início da “condição 1”, o participante tinha que realizar o seguinte cadastro:

### Dados do Participante

The image shows a registration form titled "Dados do Participante". It contains the following fields and elements:

- Nome do Participante: [text input field]
- Email: [text input field]
- CPF: [text input field]
- Idade: [text input field]
- Sexo: [dropdown menu with 'M' selected]
- Nome do Pesquisador: [text input field]
- Gravar Participante: [button]

**Figura 1** – Tela de cadastro do participante

Este cadastro foi necessário para o registro de dados e controle do experimentador e também para que o participante recebesse o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) em seu e-mail de contato.

**CONDIÇÃO 1:** Nesta condição experimental, o participante, sentado ao computador, tinha a tela com a seguinte instrução: "*Queime logo esta ponta aí*".

Em seguida, era apresentado na tela do computador o estímulo verbal:

*"Em qual contexto você acha que esta frase foi dita?"*

O participante digitava a resposta verbal por escrito e clicava em “Gravar resposta”, assim finalizando a CONDIÇÃO 1 e iniciando a CONDIÇÃO 2.

A cada instrução apresentada ao participante, este era solicitado a ler a instrução e, ao terminar a leitura, e em todos os casos ele deveria clicar em “Começar” e depois e, “Continuar” conforme a figura 2. De forma semelhante foram conduzidas as demais condições (2, 3 e 4).

**CONDIÇÃO 2:** Esta condição foi semelhante à Condição 1, sendo que, além da apresentação da instrução "*Queime logo esta ponta aí!*", o eram apresentados os seguintes estímulos não verbais (FIGURAS) na tela: uma caixa de fósforos e um rolo de barbante. Nenhuma informação ou instrução adicional era apresentada ao participante. Após o participante olhar as figuras apresentada na tela do computador, ele clicava em "Continuar". Em seguida, novamente era apresentado na tela do computador o estímulo verbal:

*'Em qual contexto, você acha que esta frase foi dita?'*

Novamente, o participante digitava a resposta verbal por escrito e clicava em "Gravar resposta", assim finalizando a CONDIÇÃO 2 e iniciando a CONDIÇÃO 3.

**CONDIÇÃO 3:** Esta condição foi idêntica à Condição 2, porém o objeto barbante foi substituído pela ponta de uma vela recentemente apagada conforme mostrado na figura 2. Novamente o participante digitava a resposta verbal por escrito e clicava em "Gravar resposta", assim finalizando a CONDIÇÃO 3 e iniciando a CONDIÇÃO 4.

**CONDIÇÃO 4:** Nesta última condição, não foram apresentados estímulos não-verbais (objetos/figuras) ao participante, e o tipo de instrução apresentada foi alterado:

*"Queime logo esta ponta aí! Calma senhor, senão acabo estragando a roupa"*

Em seguida, foi apresentado o cartão com a pergunta:

*"Em qual contexto você acha que esta frase foi dita?"*

Novamente o participante digitava a resposta verbal por escrito e clicava em "Gravar resposta", conforme mostrado na figura 2, assim finalizando a CONDIÇÃO 4 e encerrando o experimento.

Para todas as 4 condições, os participantes tinham o tempo livre para responder e concluir o registro de suas respostas no computador.

### Condição 1

Siga corretamente as instruções abaixo

[Começar](#)

Queime logo esta ponta aí

[Continuar](#)

Em qual contexto você acha que esta frase foi dita?

[Gravar resposta](#)

### Condição 2

Para continuar com o experimento continue seguindo as instruções abaixo

[Começar](#)

## Queime logo esta ponta aí

[Continuar](#)

Em qual contexto você acha que esta frase foi dita?

[Gravar resposta](#)

### Condição 3

Para continuar com o experimento continue seguindo as instruções abaixo

[Começar](#)

## Queime logo esta ponta aí

[Continuar](#)

Em qual contexto você acha que esta frase foi dita?

[Gravar resposta](#)

### Condição 4

Siga corretamente as instruções abaixo

[Começar](#)

Queime logo esta ponta aí! Calma senhor, senão acabo estragando a roupa

Em qual contexto você acha que esta frase foi dita?

[Gravar resposta](#)

**Figura 2** – Telas das 4 condições experimentais

## Resultados e Discussão

Os resultados foram analisados tendo como base teórica e empírica a Análise do Comportamento. A análise seguiu os mesmos fundamentos das análises realizadas nos trabalhos de Simonassi e cols (2010) e Machado e Simonassi (2014).

Os valores considerados para a análise dos resultados foram o número de respostas verbais escritas emitidas nas quatro (04) condições experimentais por cada participante com referência a objetos e ações contextuais, conforme mostrados na tabela 1.

As respostas verbais textuais dos participantes a serem analisadas foram exportadas do software CONTEXT para uma planilha do excel. A partir da planilha<sup>4</sup> foi possível contar as respostas verbais escritas (palavras escritas) classificadas como possíveis mandos (verbos) e possíveis tatos (substantivos) em cada sentença escrita pelo participante nas condições experimentais.

Na tabela 1 a categorização das respostas emitidas pelos participantes nas 4 (quatro) condições experimentais. Na Tabela verifica-se que algumas palavras foram emitidas com alta frequência pelos participantes em uma mesma condição ou várias condições como objetos e ações.

A palavra objeto CIGARRO apareceu em 7 vezes na condição 1, isto é, dos 10 participantes, 7 responderam contextualmente como resposta textual cigarro como objeto. Da mesma forma, a resposta textual PONTA que apareceu 17 vezes em 3 diferentes condições (Condições 2, 3 e 4) representado a classe objeto sendo emitida pelos participantes 1, 4, 5, 6, 7,8, 9 e 10.

O mesmo ocorreu com a resposta textual VELA. Esta resposta textual ocorreu 10 vezes na Condição 3. Vale destacar que na Condição 3 aparecia o estímulo Figura/imagem do objeto VELA. Somente o participante 3 não emitiu a resposta textual VELA. Podemos ainda citar as respostas textuais BARBANTE, LINHA, FÓSFORO, DROGA e

---

<sup>4</sup> Foi delineado para que o software permitisse a contagem e a separação automáticas das respostas verbais.

MACONHA que apresentaram respectivamente a frequência de 8, 6, 4, 3 e 4 respostas que caracterizam a classe de objetos contextuais. Um aspecto curioso foi a presença de respostas verbais como COZINHA, RESTAURANTE, FILÉ, PRATO, MAÇARICO E SOBREMESA.

Ao realizar a análise, foi verificado que estas respostas verbais textuais foram emitidas pelos participantes P2 e P4 que são alunos do curso de gastronomia, demonstrando um controle textual passado e transferência de função por pareamento de estímulos.

Apesar de não haver um contexto direto que permitisse a priori a emissão destas respostas, não se pode ignorar a presença do contexto histórico individual atuando sobre as contingências programadas no experimento. Outro fato é em relação ao participante P9, que como explicado em materiais e método, o software CONTEXT, por ser acessado via web, tem a flexibilidade de ser acessado de qualquer computador que tenha acesso à internet. Essa flexibilidade possibilitou que a coleta de dados fosse realizada sem a presença física do participante no laboratório.

O software cumpriu seu objetivo para o qual foi desenvolvido, mas ao fazer a análise, como pode ser verificado na Tabela 1, o participante P9, no momento em que acessou o software via web, este estava em um laboratório de estudos sobre o câncer, pois é aluno do curso de biomedicina onde participa de projetos de pesquisa.

O contexto ao qual estava inserido naquele momento certamente influenciou seu responder ao descrever os contextos apresentados no experimento com as seguintes respostas verbais textuais: parafina, laboratório, derreter, feira, ciência, analisar e maquete.

As respostas verbais textuais que relatam ações contextuais apresentaram uma frequência diversificada. O dado relevante é a alta frequência da resposta textual QUEIMAR que ocorreu 19 vezes, apenas o P9 não emitiu a resposta verbal textual

QUEIMAR. Também na Tabela 1, vale destacar a presença da resposta verbal textual ACENDER, que foi mencionada 8 vezes pelos participantes 4 (CONDIÇÃO 2 e 3), 6 (CONDIÇÃO 3), P8 (CONDIÇÃO 1 e 3), P9 (CONDIÇÃO 3) e P10 (CONDIÇÃO 1 e 2).

**Tabela 1 - Respostas verbais emitidas pelos participantes nas 4 condições experimentais**

Verbais Emitidos			
Participante	Condição	Objetos Contextuais	Ações Contextuais
1	1	Cigarro/droga	Fumar/andar/terminar
	2	Barbante/ponta	Queimar
	3	Fósforo/ponta/vela	Colocar
	4	Ponta/linha/roupa	Cara/queimar
2*	1	Maçarico/restaurante/sobremesa	Queimar/mandar/levar
	2	Barbante	Queimar/mandar
	3	Quarto/vela	Luz/apagar/acabar/mandar
	4	Ateliê/roupa/fio	Consertar/mandar/queimar
3	1	Droga/cigarro/maconha	-
	2	Barbante	Queimar
	3	Fósforo	-
	4	Confecção	-
4*	1	Cozinha/prato/filé	Queimar/prensa/
	2	Objeto	Acender
	3	Vela	Dizer/acender
	4	Roupa/casa	Prensa/passar
5	1	Ponta/cigarro/maconha	Queimar/rápido
	2	Barbante/ponta	Queimar
	3	Vela/ponta	Queimar
	4	Ponta/linha/roupa	Queimar/estar
6	1	Cigarro	Fumantes/conversa
	2	Barbante/ponta	Queimar
	3	Ponta/pavio/vela	Acender
	4	Ponta/linha/roupa	Queimar/estragar/calma
7	1	Cigarro	-
	2	Barbante/ponta	Queimar
	3	Ponta/vela	Queimar
	4	Linha/roupa/	Cliente/arrumar/prensa
8	1	Cigarro/maconha	Acender
	2	Barbante/ponta	Queimar
	3	Fósforo/ponta/vela	Acender/queimar
	4	Linha/roupa	Soltar/prensa/nervoso
9*	1	Parafina/laboratório/ponta	Derreter/rápido
	2	Maquete/imagem	Feira/ciência/analisar
	3	Energia/casa/vela	Acabar/acender/gritar
	4	Roupa/peça	Consertar/defeito
10	1	Droga/maconha/cigarro	Fumar/acender
	2	Barbante/ponta/fósforo	Acender/queimar
	3	Vela/energia/vento/vela/igreja	Acende/acaba/precisa/padre
	4	Roupa/ponta/linha	Queimar/arrumar

Os dados mostram uma forte evidência de que a manipulação do contexto como variável independente (apesar da história de reforço individual) teve relação com a variável dependente, as respostas textuais descritas como objetos e ações contextuais.

Outra análise realizada foi o cálculo de porcentagem (%), onde verifica-se a distribuição da frequência de respostas verbais emitidas por todos os participantes referentes a objetos contextuais nas 4 condições experimentais, conforme pode ser observado na Tabela 2. Para encontrar estes valores de porcentagem de frequência em cada condição foi utilizado a seguinte fórmula:

$$\frac{\text{NrObCondY} \times 100}{\text{N total de respostas}} = P$$

Onde Nr era o valor da quantidade do número de respostas, e Cond era uma das condições do experimento (CONDIÇÃO 1, CONDIÇÃO 2, CONDIÇÃO 3 e CONDIÇÃO 4), multiplicado por 100. O valor encontrado era dividido pelo total de respostas da soma das 4 condições, tanto relacionado a OBJETO quanto a AÇÃO.

Na CONDIÇÃO 1, pode-se verificar que a palavra PONTA teve um total de 17 respostas. Calculadas a porcentagem, temos distribuição da resposta verbal textual PONTA referente a objetos contextuais distribuídos nas 4 CONDIÇÕES respectivamente com os valores de 11,8%, 35,3%, 29,4% e 23,5%.

Dos 10 participantes, 7 responderam 17 vezes a palavra PONTA, o participante P5 emitiu a resposta PONTA em todas as 4 CONDIÇÕES. A resposta verbal textual referente a objeto FÓSFORO ocorreu nas CONDIÇÕES 2 e 3, respectivamente 25% e 75%. É na CONDIÇÃO 2 e 3 que aparece a imagem/Figura do fósforo.

O mesmo ocorreu com BARBANTE onde a imagem/figura aparece na CONDIÇÃO 2, quando a resposta verbal textual foi de 100%. Outro destaque é resposta



verbal textual VELA que foi emitida 100% na CONDIÇÃO 3, a mesma que aparecia a imagem/figura da vela.

**Tabela 2 - Porcentagem da frequência de respostas verbais emitidas pelos participantes referentes a OBJETOS contextuais nas 4 condições experimentais.**

Objetos Contextuais	Condições Experimentais					
	Nº. Part	Nº respostas	1 (%)	2 (%)	3 (%)	4 (%)
Ponta	7	17	11,8	35,3	29,4	23,5
Roupa	9	9	-	-	-	100
Vela	9	10	-	-	100	-
Barbante	8	8	-	100	-	-
Linha	6	6	-	-	-	100
Fósforo	4	4	-	25	75	-
Cigarro	7	7	100	-	-	-
Droga	3	3	100	-	-	-
Casa	2	2	-	-	50	50
Energia	2	2	-	-	100	-
Maconha	4	4	100	-	-	-
Restaurante	1	1	100	-	-	-
Sobremesa	1	1	100	-	-	-
Quarto	1	1	-	-	100	-
Ateliê	1	1	-	-	-	100
Fio	1	1	-	-	-	100
Confecção	1	1	-	-	-	100
Cozinha	1	1	100	-	-	-
Prato	1	1	100	-	-	-
Filé	1	1	100	-	-	-
Maçarico	1	1	100	-	-	-
Objeto	1	1	-	100	-	-
Pavio	1	1	-	-	100	-
Parafina	1	1	100	-	-	-
Laboratório	1	1	100	-	-	-
Maquete	1	1	-	100	-	-
Vento	1	1	-	-	100	-
Igreja	1	1	-	-	100	-

Verifica-se ainda na Tabela 2 uma diversificação nas emissões das respostas verbais textuais referentes às ações contextuais principalmente nas condições 3 e 4 do experimento.

As respostas verbais textuais DROGA, MACONHA, CIGARRO também ocorreram em 100% na CONDIÇÃO 1. Todos os participantes emitiram respostas verbais textuais referente a objetos nas 4 condições. Como pode ser ainda verificado na Tabela 2, os participantes emitiram diversas respostas de menor quantidade na tentativa de descrever os contextos nas 4 condições experimentais.

A Tabela 3 descreve a porcentagem da frequência das emissões de respostas verbais textuais referentes às ações dos participantes também nas mesmas 4 condições experimentais.

**Tabela 3 - Porcentagem da frequência de respostas verbais emitidas pelos participantes referentes à AÇÕES contextuais nas 4 condições experimentais**

Ações Contextuais	Condições Experimentais					
	Nº Part	Nº. Respostas	1 (%)	2 (%)	3 (%)	4 (%)
Queimar	9	19	15,8	42,1	15,8	26,3
Acender	5	8	15,8	15,8	68,4	-
Mandar	1	4	25	25	25	25
Pressa	3	4	25	-	-	75
Fumar	2	2	100	-	-	-
Consertar	2	2	-	-	-	100
Rápido	2	2	100	-	-	-
Andar	1	1	100	-	-	-
Terminar	1	1	100	-	-	-
Colocar	1	1	-	-	100	-
Cara	1	1	-	-	-	100
Levar	1	1	100	-	-	-
Luz	1	1	-	-	100	-
Apagar	1	1	-	-	100	-
Acabar	1	1	-	-	100	-
Dizer	1	1	-	-	100	-
Passar	1	1	-	-	-	100
Estar	1	1	-	-	-	100
Estragar	1	1	-	-	-	100
Calma	1	1	-	-	-	100
Cliente	1	1	-	-	-	100
Soltar	1	1	-	-	-	100
Nervoso	1	1	-	-	-	100
Derreter	1	1	100	-	-	-
Feira	1	1	-	100	-	-
Ciência	1	1	-	100	-	-
Analisar	1	1	-	100	-	-
Gritar	1	1	-	-	100	-
Defeito	1	1	-	-	-	-
Padre	1	1	-	-	100	-

Na CONDIÇÃO 2 verifica-se uma concentração das respostas verbais contextuais referente a objeto PONTA (35,3%), BARBANTE (100%) e FÓSFORO (25%) na Tabela 2 e nas respostas verbais contextuais referente a ação QUEIMAR (42,1), ACENDER (15,8%) e MANDAR (25%).

Das 89 respostas contextuais referentes a objetos nas 4 CONDIÇÕES, 17 ocorreram na CONDIÇÃO 2, sendo que apenas PONTA e BARBANTE somam 14

respostas das 17 ocorrências, o equivalente à 82,35% das respostas. E nas respostas contextuais referentes a ação foram 64 nas 4 CONDIÇÕES, sendo que na CONDIÇÃO 2 o total de respostas foram 15 (QUEIMAR e ACENDER com 8 e 3, respectivamente, somando um total de 11 respostas), ou o equivalente à 73,33%.

A Tabela 4 apresenta a porcentagem dos verbais textuais emitidos referentes a OBJETOS contextuais em todas as condições experimentais em relação ao total de verbais textuais emitidos pelos 10 participantes. Para chegar a estes resultados a análise foi realizada utilizando a seguinte fórmula:

$$\frac{\text{NrObCOND} \times 100}{\text{N total geral de respostas}}$$

Onde Nr seria o número de respostas textuais, Ob as respostas textuais referentes a OBJETOS, COND seria uma das CONDIÇÕES 1, 2, 3 e 4, cada condição multiplicado por 100 (x100) e dividido do total geral de respostas textuais referentes a OBJETOS emitidas pelos participantes nas 4 condições, que neste estudo foi de 88 palavras e o total de respostas textuais referentes a AÇÃO nas 4 condições foi de 64 palavras.

Ainda na Tabela 4 observa-se a palavra PONTA, já descrita, que ocorreu em todas as condições com 19,3% do total das respostas textuais referentes a OBJETO. ROUPA que foi emitida apenas na CONDIÇÃO 4 com 10,2% do total de respostas, VELA descrita apenas na CONDIÇÃO 3 com 11,4%, BARBANTE apenas na CONDIÇÃO 2 com 9,1%, LINHA na CONDIÇÃO 4 com 6,8%, FÓSFORO nas CONDIÇÕES 2 e 3 com 1,1 e 3,4% respectivamente, CIGARRO com 7,9%, DROGA com 3,4% MACONHA com 4,5% na CONDIÇÃO 1, e ENERGIA com 2,3%, as demais respostas foram de 1,1% cada.

Houve a descrição de 27 palavras referentes a OBJETOS com uma frequência de 89 respostas. Das 27 palavras, 10 foram citadas  $\geq 2$ , e 17 palavras foram citadas = 1, ou seja, uma porcentagem de 37% e 63% respectivamente. Em relação à frequência, houve

um total de 89 respostas referentes à OBJETO, sendo que 10 respostas citadas 72 vezes, ou seja, 81,8%, e 17 respostas citadas 16 vezes, ou seja, 18,2%.

**Tabela 4 - Porcentagem da frequência de respostas verbais emitidas pelos participantes referentes à OBJETOS contextuais nas 4 condições experimentais em relação ao total de respostas**

Objetos Contextuais	Condições Experimentais						Σ
	Nº. Part	Nº respostas	1 (%)	2 (%)	3 (%)	4 (%)	
Ponta	7	17	2,3	6,8	5,7	4,5	19,3
Roupa	9	9	-	-	-	10,2	10,2
Vela	9	10	-	-	11,4	-	11,4
Barbante	8	8	-	9,1	-	-	9,1
Linha	6	6	-	-	-	6,8	6,8
Fósforo	4	4	-	1,1	3,4	-	4,5
Cigarro	7	7	7,9	-	-	-	7,9
Droga	3	3	3,4	-	-	-	3,4
Casa	2	2	-	-	1,1	1,1	2,2
Energia	2	2	-	-	2,3	-	2,3
Maconha	4	4	4,5	-	-	-	4,5
Restaurante	1	1	1,1	-	-	-	1,1
Sobremesa	1	1	1,1	-	-	-	1,1
Quarto	1	1	-	-	1,1	-	1,1
Ateliê	1	1	-	-	-	1,1	1,1
Fio	1	1	-	-	-	1,1	1,1
Confecção	1	1	-	-	-	1,1	1,1
Cozinha	1	1	1,1	-	-	-	1,1
Prato	1	1	1,1	-	-	-	1,1
Filé	1	1	1,1	-	-	-	1,1
Maçarico	1	1	1,1	-	-	-	1,1
Objeto	1	1	-	1,1	-	-	1,1
Pavio	1	1	-	-	1,1	-	1,1
Parafina	1	1	1,1	-	-	-	1,1
Laboratório	1	1	1,1	-	-	-	1,1
Maquete	1	1	-	1,1	-	-	1,1
Vento	1	1	-	-	1,1	-	1,1
Igreja	1	1	-	-	1,1	-	1,1
<b>TOTAL</b>	-	<b>89</b>	<b>26,9</b>	<b>19,2</b>	<b>28,3</b>	<b>25,9</b>	<b>100%</b>

Para a Tabela 5 referentes a AÇÃO, foi utilizado a mesma fórmula mas com seus valores equivalentes. Os valores apresentados na Tabela 5 são a porcentagem das respostas verbais textuais emitidas dos 10 participantes referentes a AÇÃO contextual nas 4 condições experimentais de um total de 64 respostas verbais textuais. Observa-se que a palavra QUEIMAR foi emitida 19 vezes correspondendo à 29,9% do total de respostas distribuídas nas 4 condições. A resposta ACENDER 12,7%, MANDAR e PRESSA com

6,4% e FUMAR, CONSERTAR e RÁPIDO com 3,1%. As demais respostas obtiveram uma frequência de 1,6% para cada resposta verbal textual.

Houve a emissão de 30 palavras referentes a AÇÃO com uma frequência de 64 respostas no total. Das 30 palavras, 7 foram citadas  $\geq 2$ , e 23 palavras foram citadas = 1, ou seja, uma porcentagem de 23,3% e 76,7% respectivamente.

Em relação à frequência, do total de 64 respostas referentes à AÇÃO, 7 respostas foram citadas 41 vezes, ou seja, 64%, e 23 respostas foram citadas 23 vezes, ou seja, 36%.

**Tabela 5 - Porcentagem da frequência de respostas verbais emitidas pelos participantes referentes à AÇÃO contextual nas 4 condições experimentais em relação ao total de respostas.**

Ações Contextuais	Condições Experimentais						$\Sigma$
	Nº Part	Nº Respostas	1 (%)	2 (%)	3 (%)	4 (%)	
Queimar	9	19	4,8	12,5	4,8	7,8	29,9
Acender	5	8	4,8	4,8	3,1	-	12,7
Mandar	1	4	1,6	1,6	1,6	1,6	6,4
Pressa	3	4	1,6	-	-	4,8	6,4
Fumar	2	2	3,1	-	-	-	3,1
Consertar	2	2	-	-	-	3,1	3,1
Rápido	2	2	3,1	-	-	-	3,1
Andar	1	1	1,6	-	-	-	1,6
Terminar	1	1	1,6	-	-	-	1,6
Colocar	1	1	-	-	1,6	-	1,6
Cara	1	1	-	-	-	1,6	1,6
Levar	1	1	1,6	-	-	-	1,6
Luz	1	1	-	-	1,6	-	1,6
Apagar	1	1	-	-	1,6	-	1,6
Acabar	1	1	-	-	1,6	-	1,6
Dizer	1	1	-	-	1,6	-	1,6
Passar	1	1	-	-	-	1,6	1,6
Estar	1	1	-	-	-	1,6	1,6
Estragar	1	1	-	-	-	1,6	1,6
Calma	1	1	-	-	-	1,6	1,6
Cliente	1	1	-	-	-	1,6	1,6
Soltar	1	1	-	-	-	1,6	1,6
Nervoso	1	1	-	-	-	1,6	1,6
Derreter	1	1	1,6	-	-	-	1,6
Feira	1	1	-	1,6	-	-	1,6
Ciência	1	1	-	1,6	-	-	1,6
Analisar	1	1	-	1,6	-	-	1,6
Gritar	1	1	-	-	1,6	-	1,6
Defeito	1	1	-	-	-	-	1,6
Padre	1	1	-	-	1,6	-	1,6
<b>TOTAL</b>	-	<b>64</b>	<b>25,4</b>	<b>23,7</b>	<b>20,7</b>	<b>30,1</b>	<b>100%</b>

Na CONDIÇÃO 3 as maiores frequências foram para PONTA, FÓSFORO, CASA e ENERGIA com, respectivamente 5, 3, 1 e 2 respostas contextuais referentes a objetos.

Também na CONDIÇÃO 3 as maiores frequências foram para QUEIMAR e ACENDER com, respectivamente 3 e 2 respostas contextuais referentes a ação. No total foram 13 respostas referentes a ação na CONDIÇÃO 3, sendo 5 para QUEIMAR e ACENDER. Estas descrições podem ser verificadas observando a Figura 8 para respostas contextuais referentes a objeto e na Figura 9 para respostas contextuais referentes a ação.

Há situações onde um mesmo participante pode ter emitido respostas de um a quatro objetos contextuais em uma mesma condição experimental, como nas palavras PONTA, VELA, BARBANTE, FÓSFORO e CASA já demonstrado na Tabela 2. Isto também é válido para as ações contextuais apresentadas na Tabela 3 para respostas de ações contextuais.

Nas respostas verbais textuais referentes às ações QUEIMAR, ACENDER, FUMAR, MANDAR e PRESSA, ocorrem com uma frequência maior que 2. Destaque para QUEIMAR que ocorre 19 vezes distribuída em todas as 4 CONDIÇÕES.

Tanto nas Figuras 3 quando na 4 é descrito a quantidade de respostas verbais contextuais emitidas referentes à OBJETO e AÇÃO. Como pode ser verificado nas figuras, o número de 17 respostas a OBJETO e 23 respostas a AÇÃO tiveram apenas 1 descrição de cada.

Dos 10 participantes apenas 1, o participante P3 não emitiu respostas verbais textuais referentes às ações nas CONDIÇÕES 1, 3 e 4, e o participante P7 que não emitiu respostas na CONDIÇÃO 1.

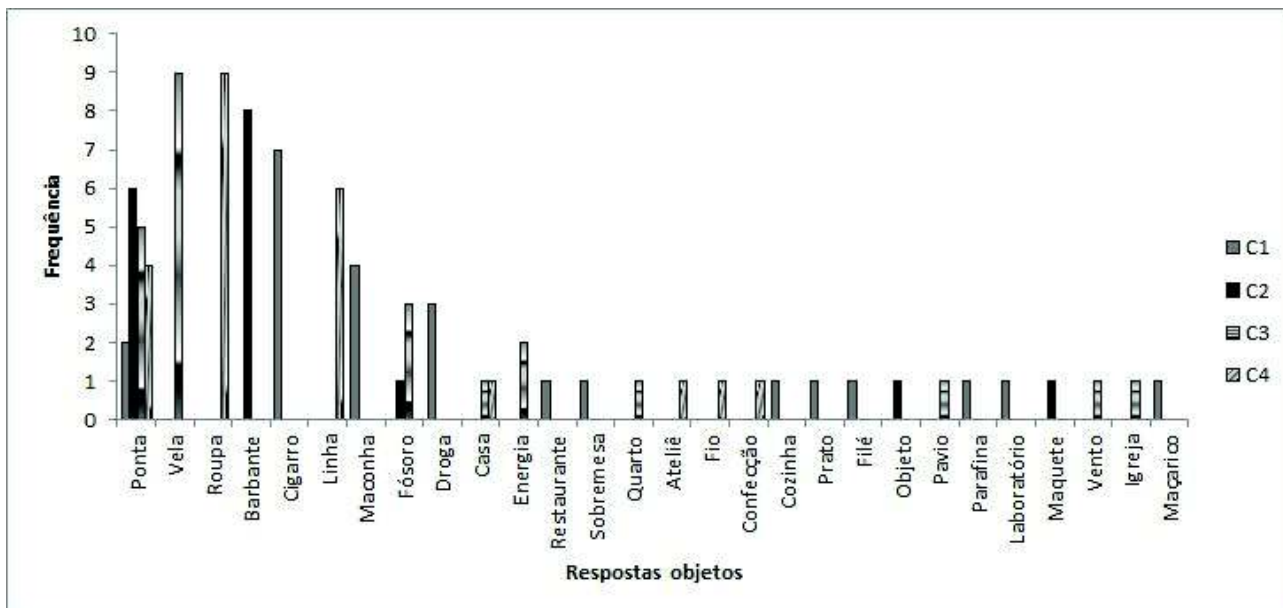


FIGURA 3 - Frequência de respostas totais textuais referentes a OBJETO emitidas pelos 10 participantes em cada condição experimental

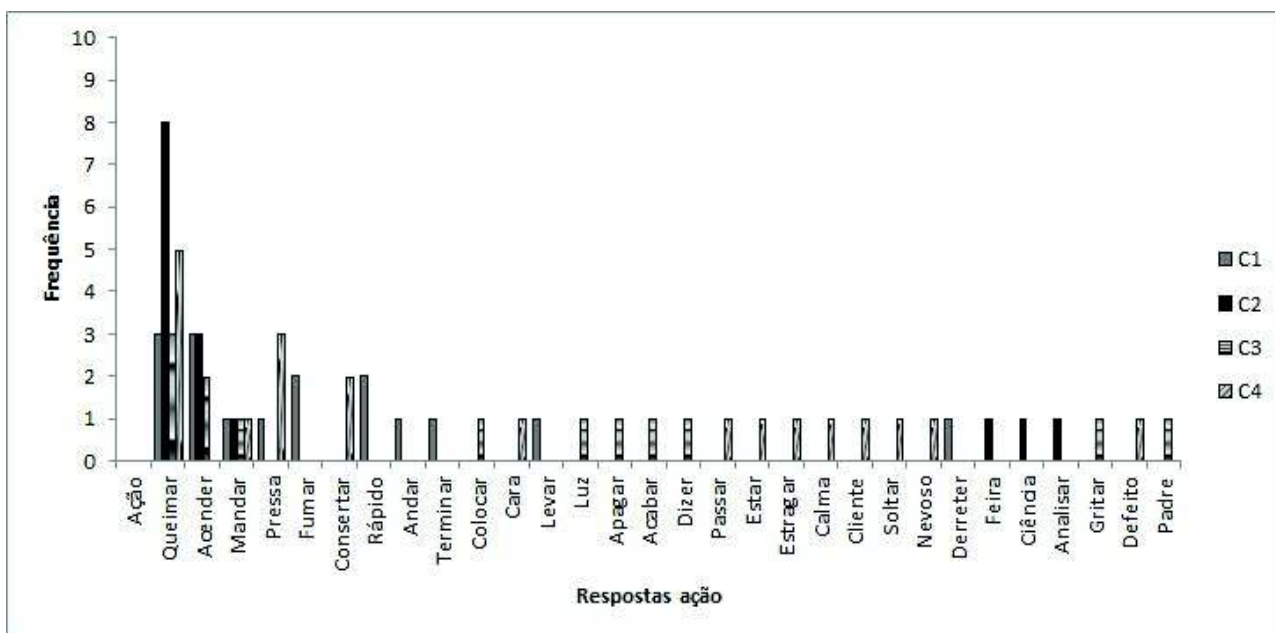


FIGURA 4 - Frequência de respostas totais textuais referentes a AÇÃO emitidas pelos 10 participantes em cada condição experimental.

Foi registrado o tempo em minutos de cada participante nas 4 condições experimentais (tempo de duração de cada sessão). O tempo médio para realizar cada sessão foi de 6,4 minutos. O participante P9 realizou as 4 fases com um tempo de 16 minutos, foi o único que realizou a coleta de dados via web.

As respostas contextuais referentes a OBJETO (PONTA, ROUPA, VELA, BARBANTE, LINHA, FÓSFORO, CIGARRO, DROGA, MACONHA) obtiveram uma frequência significativas de respostas.

O mesmo ocorreu para as respostas contextuais referentes a AÇÃO (QUEIMAR, ACENDER, FUMAR, PRESSA, RÁPIDO e CONSERTAR) que também tiveram uma frequência significativa.



## **Considerações finais**

Este experimento, assim como Simonassi e colaboradores (2010), pretendeu manipular as variáveis de contextos verbais (instruções) e não-verbais (figuras - imagens) e identificar seus efeitos sobre respostas verbais textuais em um episódio verbal total.

Teve como objetivo ainda verificar o efeito de estímulos verbais textuais e não-textuais que tem a função de contexto na proposta de Skinner (1957/1978) sobre a resposta verbal textual dos participantes e avaliar o efeito de uma sentença verbal textual apresentada em diferentes contextos verbais e não-verbais sobre respostas verbais textuais.

A característica principal do software CONTEXT é a possibilidade de sua utilização via web sem a presença física do experimentador e do ambiente laboratorial. Esta solução trouxe uma inovação na coleta de dados, no entanto ainda devem ocorrer mais estudos para sua validação.

Neste experimento, a variável independente estudada foram os estímulos contextuais (sentença e figuras/imagens) e a variável dependente foram as respostas verbais textuais dos participantes que representavam objetos e ações (Significado).

Observando os dados referentes a OBJETOS contextuais descritos na Tabela 1, foi possível verificar uma similaridade no responder dos Participantes, 1, 3, 5, 6, 7, 8 e 10 nas mesmas condições experimentais. Por exemplo, a palavra CIGARRO foi emitida na CONDIÇÃO 1 por 7 participantes. A palavra BARBANTE, do mesmo modo, foi emitida por 8 participantes na CONDIÇÃO 2. As respostas textuais PONTA e VELA foram descritas por 5 e 9 participantes respectivamente na CONDIÇÃO 3. Neste caso apenas o PARTICIPANTE 3 não respondeu com a palavra VELA. A resposta textual ROUPA foi descrita por 9 participantes, o único a não responder foi o PARTICIPANTE 3, que usou a palavra CONFECÇÃO, que em uma análise pode-se compreender que foi em analogia a ROUPA.

A palavra PONTA foi à única descrita por todos os participantes nas 4 CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS, e o PARTICIPANTE 5 foi o único a descrevê-la nas 4 CONDIÇÕES como verificado na tabela 1.

A resposta textual PONTA também foi emitida em 2 ou mais condições pelos participantes 1, 5, 6, 7 e 8. Apenas os PARTICIPANTES 2, 3 e 4 não emitiram a resposta textual PONTA em nenhuma condição.

Sendo os participantes adultos, com repertório verbal suficientemente estável para compreender e reconhecer instruções e objetos, poderíamos inferir que essa similaridade no responder foi em função das variáveis manipuladas nas instruções verbais e objetos, pois o procedimento foi o mesmo para todos os participantes.

A resposta verbal textual referente à AÇÃO QUEIMAR também verificado na tabela 1, foi emitida em todas as condições por 9 participantes e inclusive alguns participantes emitiram mais de uma vez em várias condições, destaque para os Participantes 1, 2, 5, 6, 7, 8 e 10 que a emitiram em 2 ou mais condições experimentais e o Participante 5 que a emitiu em todas as 4 condições. PONTA teve 17 respostas em todas as condições o equivalente a 19,3 do total de respostas.

Em relação às porcentagens de respostas verbais textuais referentes a objetos contextuais, a tabela 2 descreve que LINHA foi emitida 100% na Condição 4 quando ao valor total de respostas LINHA e 6,8% quando analisado em relação ao total de respostas textuais emitido em todas as Condições.

A palavra DROGA foi emitida em 100% na Condição 1, o que equivale a 3,4% no total de respostas textuais. FÓSFORO com 4,4% de no total geral. CIGARRO foi emitido também em 100% na condição 1 e representando 7,9% do total de respostas e MACONHA com 4,5% de respostas no geral. BARBANTE emitido 100% na Condição 2 e representando 9,1 do total de respostas.

Na Condição 1 ela teve 11,8%, na Condição 2, 35,3%, na Condição 3, 29,4% e na Condição 4, 23,5%. ROUPA aparece com 9 respostas na Condição 4 equivalendo 100% ou 10,2% do total geral de respostas.

A palavra VELA com 10 respostas foi emitida 100% na Condição 3, com o total geral de 11,4. As outras 17 respostas obtiveram 1,1% de todas as respostas verbais textuais. Todos os participantes emitiram respostas verbais textuais referentes a OBJETOS.

Podemos considerar que as instruções e/ou os objetos (figuras/imagens) apresentados em cada uma das condições exerceu maior controle sobre as respostas dos participantes na condição em que os mesmos foram expostos.

Nas respostas verbais contextuais referentes à AÇÃO descritas na tabela 5, as palavras que mais se destacaram foram QUEIMAR, emitida em todas as 4 CONDIÇÕES com 29,9% das respostas gerais, ACENDER emitida nas CONDIÇÕES 1 e 2 com 4,8, CONDIÇÃO 3 com 3,1, no total de 12,7% de respostas gerais, MANDAR emitida nas 4 CONDIÇÕES no total de 6,4% das respostas gerais e PRESSA que foram emitidas nas condições 1 com 1,6% e 4 com 4,8%, sendo o total de 6,4% de respostas no geral.

FUMAR foi emitido apenas na CONDIÇÃO 1 com 3,1% geral das respostas, CONSERTAR apenas na CONDIÇÃO 4 com 3,1% do total de respostas e RÁPIDO na CONDIÇÃO 1 também com 3,1% das respostas gerais. As outras 23 respostas obtiveram 1,6% (apenas 1 resposta) de todas as respostas verbais textuais. Dos 10 participantes, apenas os participantes P3 e P7 não emitiram respostas verbais textuais referentes a AÇÃO, sendo P3 nas CONDIÇÕES 1, 3 e 4, e P7 na CONDIÇÃO 1.

Na tabela 5, as palavras QUEIMAR e ACENDER foram emitidos com alta frequência em todas as condições 1 a 4 e 1 a 3, respectivamente. E em menor frequência as

palavras MANDAR, PRESSA, FUMAR, CONSERTAR e RÁPIDO foram emitidos nas condições onde era esperada a ocorrência de correspondência programada.

Nas respostas referentes às ações contextuais, os participantes 3 e 7 foram os únicos que não emitiram essas resposta. A palavra QUEIMAR foi emitida 19 vezes em todas as condições experimentais por 9 participantes, sendo que P1, P2, P3, P5, P6, P7, P8 e P10 emitiram na mesma condição. Há evidências de que a instrução “Queime logo essa ponta aí”, apresentada nas Condições 1, 2, 3, e 4 foi responsável pelo controle da emissão das respostas do participante a resposta textual QUEIMAR.

A mesma discussão pode ser aplicada para PONTA que também foi emitida por 7 participantes em quase todas as condições. Somente os participantes P2, P3 e P4 não a emitiram. O argumento desta emissão da resposta textual verbal referente a OBJETO PONTA também pode ter sua origem com a instrução “Queime logo essa ponta aí” apresentada nas 4 condições.

Um segundo ponto destacado sobre o contexto verbal e não verbal foi que este controlou as emissões das respostas verbais a objetos e ações contextuais observadas. Verificou-se que quando era alterado o contexto, seja verbal ou não-verbal, ocorria uma alteração nas respostas verbais escritas dos participantes, esse efeito sugere a ocorrência de controle instrucional (Simonassi, Nalini, Barreto & Mota, 1998). Skinner (1974/2006) diz que os indivíduos dependem de certas práticas de sua comunidade verbal para que aprenda o significado do repertório que esta comunidade compartilha e acrescenta que o significado não está em sua topografia, ele deve ser buscado na história antecedente de reforço, quer dizer, em sua história de exposição às contingências onde o ambiente tenha estabelecido um significado. No entanto, ao que parece os dados dos participantes P2, P4 e P9 como observado na tabela 1 da Condição 1, indicam que apesar do mesmo arranjo experimental, isto é, das mesmas condições para os 10 participantes, as respostas destes

participantes supostamente estavam sobre controle da história individual recente, para não dizer história imediata.

Como relatado, o participante P9 no momento da coleta estava fisicamente no laboratório. Suas respostas foram de encontro, em certa medida, com seu contexto imediato. No geral, com base nos resultados, as respostas emitidas nas condições experimentais demonstram que o contexto controla as respostas emitidas, e que os estímulos objetos (figuras/imagens), quando apresentados, fazem relação no responder descrevendo objetos apresentados e/ou relacionados. Como exemplo, a instrução “QUEIME LOGO ESSA PONTA AÍ” a partir da palavra ponta, os participantes descreveram seu comportamento com as palavras cigarro, lápis, pavio e assim sucessivamente. De certa forma os objetos compartilham de algumas propriedades em comum.

O resultado demonstrou evidências semelhantes aos resultados encontrados no experimento original publicado por Simonassi e cols (2010). A evidência é para a resposta verbal textual QUEIMAR que neste estudo foi emitida nas 4 condições, sendo que na condição 2 teve 42,1% de frequência, e assim como Simonassi e cols (2010) na condição 2 teve 70%. Considerando os objetivos do experimento, pode se verificar que contextos verbais (instruções) e não verbais (objetos) exerceram controle sobre respostas verbais em um episódio verbal total.

Quando o contexto era alterado, seja verbal ou não verbal, ocorriam alterações nas respostas verbais escritas dos participantes, como pode ser verificado na tabela 1. Desta forma, o experimento, manipulando as variáveis de contexto, encontrou as mesmas evidências daquelas encontradas nos estudos de Simonassi e cols (2010), Machado e Simonassi (2014) e Paula e Ferreira (2016).

Considerando que todo comportamento ocorre em um contexto (Skinner, 1974/2016, Carrara, 2004, Simonassi e Cols, 2010, Todorov, 2007) e que o significado de

uma resposta não está em sua topografia e deve ser buscada na história antecedente dos indivíduos, no mundo natural é esperado que os indivíduos que compartilham de uma mesma comunidade verbal tenham em seus repertórios, comportamentos que façam correspondência na relação entre falante-ouvinte (Simonassi & Cameschi, 2003).

Para os Analistas do Comportamento o conceito de comportamento verbal ainda é muito complexo. A definição de Skinner (1957/1978) para comportamento verbal é amplamente utilizada, e é definida como um tipo especial de comportamento operante que é mediado e reforçado por outra pessoa (ou ela mesma ao considerar os eventos privados).

No entanto, esta outra pessoa deve estar inserida na comunidade verbal que se desenvolve esta interação ou ser preparada para que ocorra interação. Ainda segundo Skinner, esta definição de comportamento verbal ainda é insatisfatória pois não esclarece o papel do ouvinte em um episódio verbal.

Considerando o objetivo do experimento, de forma geral, pode-se dizer que contextos verbais (instruções) e não-verbais (figuras/imagens) exerceram controle sobre respostas verbais em um episódio verbal, posto que, quando se alterava o contexto, seja verbal ou não-verbal. Nas análises realizadas, verificava-se evidências da alteração nas respostas verbais textuais dos participantes referentes a objeto e ação na medida que é alterado as CONDIÇÕES 1, 2, 3 e 4 como contexto.

Outro relevante dado obtido foi a ocorrência de respostas verbais textuais relacionados possivelmente à história de reforço imediato do indivíduo. Essa afirmação se refere aos participantes P2, P4 e P9 que responderam diferenciadamente a presença dos contextos programados no experimento nas CONDIÇÕES. Para estes indivíduos, suas respostas estavam sobre controle de seu ambiente imediato (curso de gastronomia e o laboratório de análise clínicas).

O participante P9, como verificado na tabela 1, por se tratar do único participante em que a coleta se deu on-line, e que no momento que foi submetido ao experimento encontrava-se fisicamente em um laboratório, ao analisar suas respostas verbais textuais fica evidente que não só apenas arranjo experimental controlou sua resposta, seus antecedentes e o seu contexto físico também determinaram a ocorrência de respostas verbais textuais diferenciadas. Em menor grau de diferenciação, os participantes P2 e P4 ao que parece, emitiram respostas bem características com seu contexto histórico.

Esta ausência de similaridade no responder dos participantes P2, P4 e P9 em uma ou nas diferentes condições possivelmente é uma hipótese a ser investigada, a falta de relação com o contexto e identificação com os objetos apresentados no estudo.

As instruções ou as figuras/imagens apresentadas especificamente não exerceram total controle sobre as respostas de todos os participantes em todas as condições nas quais foram apresentados.

As propriedades dos estímulos no contexto apresentado controlaram as demais respostas emitidas, pois os estímulos objetos podem partilhar de propriedades físicas ou arbitrarias dos outros objetos descritos. Por exemplo, na Condição 3, ao se introduzir o objeto vela e a resposta correspondentes emitidos foram, ponta, energia, igreja e fósforo. Resta-nos saber quais foram às respostas emitidas por generalização e quais foram por relações arbitrarias pelos participantes. Certamente a resposta a esta pergunta deverá ser buscada nas variáveis contextuais antecedentes de reforço e punição. Para isso, é necessário novos delineamentos diferentes sobre controle contextual do comportamento verbal.

### Referências

- Anderson, C. M., Hawkins, R. P., Freeman, K. A., Scotti, J. R. (2000). Eventos privados: Eles pertencem a uma ciência do comportamento humano? Tradução Prof. Lorismario E. Simonassi. *The behavior analyst*, 23, 1-10.
- Ardila, R. J.B. Watson, a Psicologia experimental e o condutismo 100 anos depois. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*. v. 13, n. 1 (2013).
- Barros, Romariz da Silva. (2003). Uma introdução ao comportamento verbal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(1), 73-82.
- Baum, W. M. (2006). *Compreender o Behaviorismo*. (Tradução de M. T. Araújo Silva, M. A. Matos, G.Y. Tomanari & E. Z. Tourinho). Porto Alegre: ArtMed.
- Bock, A. M. B., Furtado, A., Teixeira, M. L. T. (1997). *Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia*. Ed. Saraiva, São Paulo.
- Carrara, K. & Gonzalez, M. H. (1996). Contextualismo e mecanismo: implicações conceituais para uma análise da Análise do Comportamento. *Didática*, São Paulo - SP, v. 31, 199-217.
- Carrara, K. (2004). Causalidade, relações funcionais e contextualismo: algumas indagações a partir do Behaviorismo Radical. *Interações*, IX, 29-54.
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição*. D. G. Souza, Org. Porto Alegre: Ed. ArtMed.
- Chiesa, M. (1994). *Radical behaviorism: The philosophy and the science*. Boston: Authors Cooperative.
- Fidalgo, A. P. & Banaco, R. A. (2014). O estudo do comportamento verbal no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(3), 347-355.  
<https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722014000300012>



- Gongorra, M. A. N., & Abib, J. A. D. (2001). Questões referentes à causalidade e eventos privados no behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 3(1), 9-24.
- Herrstein, R. J & Boring, E. G. (1966/1971). *Textos básicos de história da Psicologia*. São Paulo: Herder/Edusp, pp. 626-636.
- Machado, D. J. C. ; Simonassi, L. E. . *Comportamento Verbal: análises das interações falantes e ouvintes*. 1. ed. Novas Edições Acadêmicas, 2014. v. 1. 132p .
- Malerbi, Fani Eta Korn & Matos, Maria Amélia (1992). A análise do comportamento verbal e a aquisição de repertórios autodescritivos de eventos privados. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 8, n. 3, 407-421.
- Marx, M. H. & Hillix, W. A. (1976). *Sistemas e Teorias em Psicologia*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Matos, M. A. (1997). Introspecção: Método ou objeto de estudo para a análise do comportamento. Em Banaco, R. A. (orgs) *Sobre comportamento e cognição*, Vol. 01., Santo André: ARBytes.
- Matos, M. A. (1999). Análise funcional do comportamento. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 16(3), 8-18. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X1999000300002>
- Myers, D. (1998). *Introdução à Psicologia Geral*. Rio de Janeiro: livros técnicos e científicos editores S. A.
- Passos, Maria de Lourdes Rodrigues da Fonseca. (2003). A análise funcional do comportamento verbal em *Verbal Behavior* (1957) de B. F. Skinner. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(2), 195-213.

- Paula, L. N. de; Ferreira, L. M. (2016). Influência do contexto sobre o comportamento de escrever. Monografia de graduação não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Peterson, N. (1978). An Introduction to Verbal Behavior. Behavior Associates. Inc. New York.
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2009). História da Psicologia Moderna. São Paulo: Editora Cengage Learning.
- Sério, Tereza Maria de Azevedo Pires. (2005). O behaviorismo radical e a Psicologia como ciência. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(2), 247-262.
- Sidman, M. (1976). Táticas da Pesquisa Científica. Editora Brasiliense.
- Simonassi, L. E. (2015). A não necessidade do uso do termo/conceito interpretação em Análise do Comportamento. *Divulgação, Debate e Análise do Comportamento*. Acesso em 15/11/2016. Disponível em <  
[http://media.wix.com/ugd/9f051c\\_22702efe04c7414592c2ff5266672eb9.pdf](http://media.wix.com/ugd/9f051c_22702efe04c7414592c2ff5266672eb9.pdf)>
- Simonassi, L. E. (1997). Aquisição de consciência como condição de melhora no desempenho? Em Banaco, R. C. (orgs). *Sobre comportamento e cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitiva*. Vol. 01 (pp. 282-288). São Paulo: ARBytes.
- Simonassi, L. E., Cameschi, C. E. (2003). O episódio verbal e a análise de comportamentos verbais privados. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e cognitiva*, 5, 105-119.
- Simonassi, L. E.; Oliveira, C. I. ; Gosch, C. S.(1997). Exposição a Contingências, Conteúdo de Instruções e Formulação de Regras. *Psicologia. Teoria e Pesquisa*, UNB, v. 13, n.2, p. 189-195.

- Simonassi, L. E., Oliveira, C. I., Gosch, C. S., Vasconcelos-Silva, A., Mujali, M. & Souza, A. V. (1997). Instruções: efeito sobre solução de problemas e formulação de regras. *Temas em Psicologia*, 1, 79-92.
- Simonassi, L. E.; Nalini, L. E. G.; Barreto, M. Q.; Motta, H. L. Conteúdo Instrucional. *Estudos*, n. 13, pag. 71-79, 1998.
- Simonassi, L. E, Tourinho, E. Z., & Silva, A. V. (2001). Comportamento privado: acessibilidade e relação com comportamento público. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 133-142. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722001000100011>
- Simonassi, L. E, Tizo, M., Gomes, U. S., & Alvarenga, L. F. C. de. (2010). Contexto comodeterminante de comportamentos verbais públicos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 12(1-2), 80-91.
- Skinner, B. F. (1945). *A Análise Operacional de Termos Psicológicos*. Trad. De Guilhardi e Piazzon Queiroz para uso exclusivo do Instituto TCR. [www.itcrecampinas.com.br/pdf/skinner/analise\\_operacional.pdf](http://www.itcrecampinas.com.br/pdf/skinner/analise_operacional.pdf)
- Skinner, B. F. (1953/1967). *Science and human behavior*. New York: MacMillan. Tradução de J. C. Todorov e R. Azzi, “Ciência e comportamento humano”. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Skinner, B. F. (1957/1978). Tradução de M. P. Villalobos – *Comportamento Verbal*. São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis*. New York: Aplleton-Century-Crofts.
- Skinner, B.F. (1980). *Contingências do reforço: uma análise teórica*. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção "Os Pensadores").

- Skinner, B. F.. (2007). Seleção por conseqüências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(1), 129-137.
- Skinner, B. F. (1974/2006). *Sobre o behaviorismo*. Ed. Cultrix. São Paulo, SP.
- Smith, N. W. (2007). Events and Construtcs. *The Psychological Record*, 57, 169-186.
- Todorov, J. C.; Henriques, M. B. (2013). O que é e o que pode vir a ser comportamento. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, vol. 9, nº. 1, 74-78.
- Todorov, J. C. (2007). A Psicologia como o estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(spe), 57-61. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722007000500011>
- Todorov, J. C. (2004). Da Aplysia à Constituição: evolução de conceitos na análise do comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 151-156.
- Todorov, J. C. (1991). O conceito de contingência na Psicologia experimental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 7, 59-70.
- Todorov, J. C. (1985). O conceito de contingência tríplice na análise do comportamento humano. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 1, 140-146.
- Tourinho, E. Z. (1990). Privacidade e linguagem: nota sobre distinção entre público-privado no behaviorismo radical Skinneriano. *Anais da XX reunião anual de Psicologia*. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia.
- Tourinho, E. Z. (1995). *O autoconhecimento na Psicologia comportamental de B. F. Skinner*. belém: editora da UFPA.
- Tourinho, E. Z. (1999). Eventos privados: o que, como e porque estudar. Em: kerbauy, R. & Wielenska, R. C. (orgs): *Sobre comportamento e cognição*. Vol. 04, pp. 13-25. São Paulo: ARBytes.
- Watson, J. B. Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, n. 20, p. 158-177, 1913.

## Anexo 1

PARTICIPANTE	REPOSTAS ESCRITAS			
	CONDIÇÃO 01	CONDIÇÃO 02	CONDIÇÃO 03	CONDIÇÃO 04
1	para o cora terminar de fumar cigarro ou droga logo, andar mais rapido	para queimar a ponta do barbante	para colocar a ponta do fosforo na vela	para o cara queimar a ponta da linha da roupa
2	Em um restaurante, onde um chef confeiteiro manda seu estagiário queimar com o maçarico uma sobremesa que leva merengue na cobertura	Num local onde se faz artesanato, e um chefe do local manda um artesão queimar o barbante para que o objeto trabalhado seja concluído logo	Em um quarto onde acabou a luz, e a pessoa manda outra apagar a vela logo	Em um ateliê de conserto de roupas, onde um cliente manda o atendente queimar um fio solto de sua roupa, demonstrando insatisfação com o produto final do conserto
3	Em se tratando de drogas, cigarros, maconha	queimar um barbante	No fosforo	Confecção
4	Em uma cozinha, o Chef com pressa de liberar o prato pede ao seu auxiliar para queimar a ponta do filé que está quase finalizado	Em uma situação onde precisa-se acender algo	Foi dita quando era necessário acender uma vela	Quando um secretário(a) do lar estava passando roupa e o seu(sua) patrão(patroa) estava com pressa
5	para queimar a ponta de alguma coisa logo, cigarro ou maconha	queimar a ponta do barbante	queimar a ponta da vela	que alguém foi queimar a ponta da linha que estava solta, mas nao queria estragar a roupa
6	uma conversa entre dois homens fumantes de cigarro	para queima a ponta do barbante	para queima a ponta do pavio da velha (acender a vela)	uma conversa entre uma costureira e um homem, onde ela pede calma para queima a ponta da linha, se não ela podia queima e estragar a roupa
7	Acho que tem a ver com algo relacionado a cigarro.	Queimar a ponta do barbante	Queimar a ponta da vela.	Acho que tem a ver com a linha da roupa que deve estar desfiada, e a pessoa esta arrumando e o cliente está com pressa.
8	Acender um cigarro de maconha	queimar a ponta do barbante	acender o fósforo e queimar a ponta da vela	Um Senhor nervoso e apressado com uma linha solta em sua roupa
9	Talvez em um ambiente laboratorial. Onde um individuo exige rapidez ao outro. "Queime logo esta ponta ai, ou a parafina não derreteria".	Analisando a imagem e a frase, talvez durante o preparatório de uma maquete para um projeto a ser exibido na feira de ciências.	Talvez a energia em casa acabou. Minha mãe gritando para ascender logo a vela.	Um (a) costureiro (a) consertando a peça de roupa de outra pessoa.
10	acender cigarro de maconha fumar maconha drogas	acender a ponta do barbante com um fósforo queimar o barbante com o fósforo	acender a vela porque acabou a energia a vela apagou e é preciso acender o vento apagou a vela na igreja e o padre tem que acender	defeito na roupa queimar a ponta de uma linha de uma roupa costureira arrumando a roupo de homem

## Anexo 2

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

*“Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título ESTUDOS DE VARIÁVEIS DE CONTEXTO EM UM EPISÓDIO VERBAL. Meu nome é UELITON DOS SANTOS GOMES, sou membro da equipe de pesquisa deste projeto, MESTRANDO em PSICOLOGIA. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá TER seu ACEITE selecionando a opção abaixo “Li e estou de acordo com o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) declaração acima”.*

*“Uma cópia deste termo será encaminhada para seu e-mail ou outra forma escolhida estando sob sua responsabilidade para quaisquer fins e a segunda via ficará a guarda e confidencialidade da equipe de pesquisa exclusivamente para uso científico. Dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o (a) equipe de pesquisa ou com o orientador da pesquisa Professor Lorismario E. Simonassi, nos telefones: (62) 98133-7349, ou através do e-mail usgomes@gmail.com. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, localizado na Avenida Universitária, Nº 1069, Setor Universitário, Goiânia – Goiás, telefone: (62) 3946-1512, funcionamento: 8h as 12h e 13h as 17h de segunda a sexta-feira. Comitê de Ética em Pesquisa é uma instância vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS).*

*O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares. Solicitamos a vossa senhoria para ler atentamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que possa estar ciente de nossa proposta, dos procedimentos a serem realizados caso concorde em participar e dos direitos que lhes é garantido. A sua participação neste estudo ocorrerá de forma online, não sendo necessária nenhuma abordagem pessoalmente, o pesquisador estará presente para ser o mediador.*

*O objetivo desta pesquisa é verificar se diferentes situações podem gerar diferentes respostas verbais variando o contexto em que ocorre. Caso aceite*

*participar, clicando em “Li e estou de acordo com o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) declaração acima”, o (a) senhor (a) será direcionado a uma segunda página, onde lhe serão exibidas algumas instruções a serem seguidas. É previsto que o (a) senhor (a) precisará de 10 (dez) minutos e 20 (vinte) minutos para a conclusão do estudo.*

*O (a) senhor (a), ao aceitar participar deste estudo, poderá estar exposto (a) a riscos mínimos. Havendo necessidade, em decorrência de transtornos gerados por sua participação nesta pesquisa, garantimos-lhe assistência integral e gratuita. Ao participar deste estudo o (a) senhor (a) contribuirá com a ciência, afim de que possamos entender melhor as variáveis comportamentais. Nenhuma informação que permita sua identificação será utilizada para divulgação. Os resultados desta pesquisa visam ser discutidas anonimamente em meio acadêmico/científico, e os resultados não se utilizam de dados identificáveis.*

*Por se tratar de uma pesquisa em que o (a) senhor (a) não necessitará se locomover até a equipe de pesquisa ou está até sua presença, e por não haver qualquer custo implicado neste tramite, informamos que não haverão ressarcimentos e que nenhuma compensação financeira será realizada. Caso o (a) senhor (a) sinta-se prejudicado(a) em função de sua participação neste estudo, deve estar ciente que possui total autonomia para requerimento de indenização nos termos da Lei. Caso tenha dúvidas ou não se sinta a vontade para realizar o estudo você poderá a qualquer momento desistir sem nenhuma pena ou perda. Poderá ainda solicitar retirada de sua participação após finalizado. A equipe responsável pelo estudo fica a disposição para eventuais esclarecimentos presentes e futuros após a conclusão do estudo proposto.”*

Li e estou de acordo com o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) declaração acima